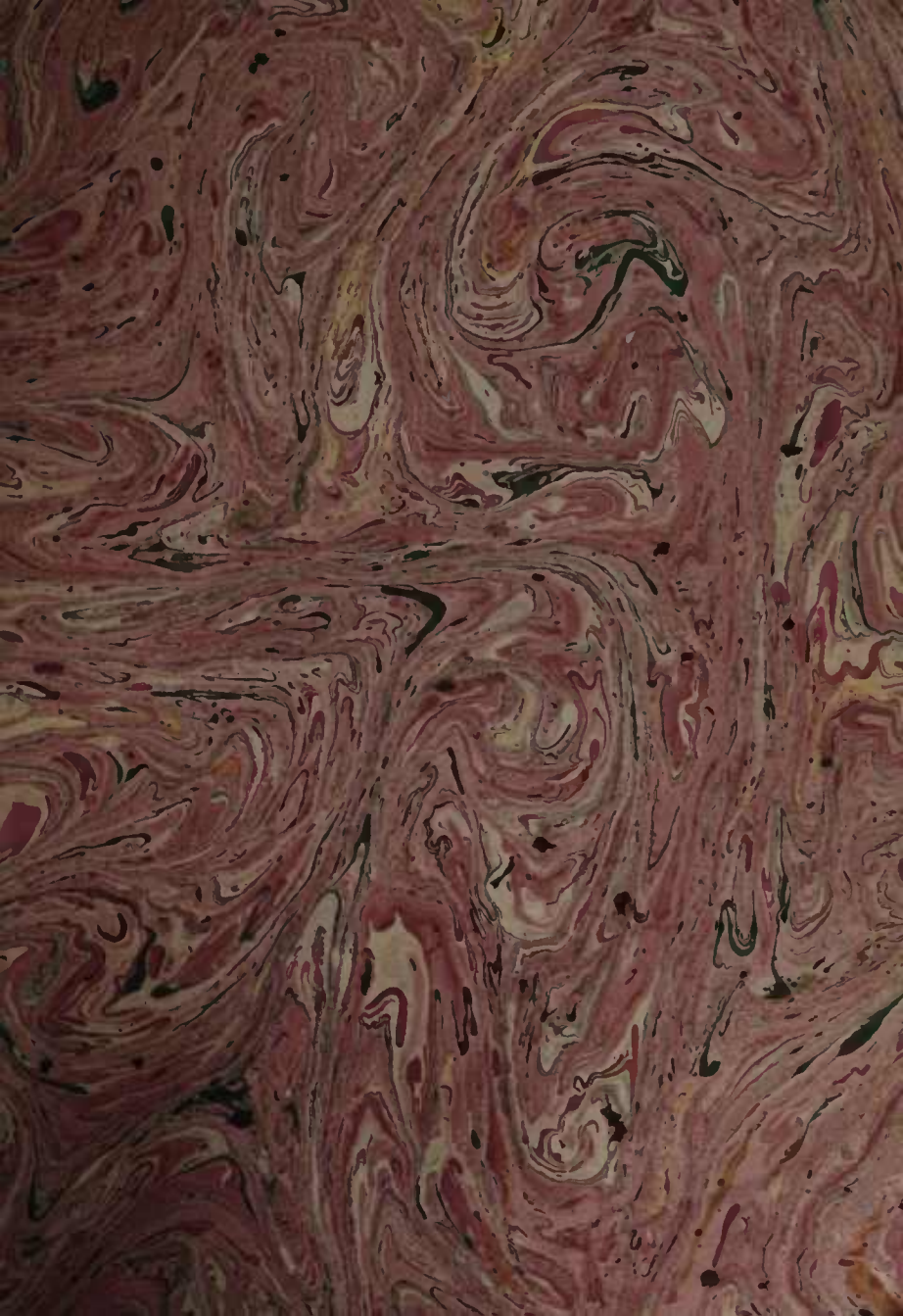




Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



1ª edição

POESIAS

AMADEU AMARAL

POESIAS

1931

Companhia Editora Nacional São Paulo

A' memoria de
ARNALDO SIMÕES PINTO.

A VALDOMIRO SILVEIRA
MARTINS FONTES
FRANCISCO DE ESCOBAR
ROBERTO MOREIRA

Versos nevoentos

LUTA penosa e vã, esta em que vivo, imerso
na ambição de alcançar a frase que me exprima,
onde o meu pensamento esplenda claro e terso,
como o bago reluz pronto para a vindima.

¿ Como cristalizar tanta emoção no verso?
¿ Como o sonho encerrar nos limites da rima?
Bruma ondulante e azul, fumo que erra disperso,
não se pode plasmar, não há mão que o comprima.

Não, eu não te darei a Expressão que rebrilha
na rija nitidez de áurea moeda sem uso,
acabado lavor de cunho e de serrilha :

só te posso ofertar êstes versos nevoentos,
conchas em que ouvirás, indistinto e confuso,
um remoto fragor de vagas e de ventos.

Voz interior

a

ANTÓNIO SALES.

FECHA-TE, sofredor, na alva túnica ondeante
dos sonhos. E caminha, e prossegue, embebido
muito embora na dor de austero celebrante
de um estranho ritual desdenhado e esquecido.

Deixa ressoar em tórno o bárbaro alarido.
Deixa que vôle o pó da terra, em tórno... Adeante.
Vai, tu só, calmo e bom, calmo e triste, envolvido
nessa túnica ideal de sonhos alvejante.

Sê, nesta escuridão do mundo, o paradigma
da Renúncia e da Paz, uma sombra e um enigma
perpassando sem ruído a caminho do Além.

E só deixes na terra uma reminiscência :
a de alguém que assistiu às lutas da existência,
triste e só, sem fazer nenhum mal a ninguém.

Um triste

a

CANDIDO DE CARVALHO

I

TU' que vais a buscar através desta vida,
a clareira do bem numa selva de males,
não maldigas da sorte ! a mágoa não exales
deante da indiferença, ou compaixão fingida !

Nesta mata infernal, nestes escuros vales,
não acharás piedade e não terás guarida :
ninguém se importará de tua alma ferida,
por muito que ela sofra e por muito que fales.

Guarda essa dor contigo. E, se és, como suponho,
um miserando Job, — corpo cheio de chagas,
peito cheio de fel, alma cheia de sonho, —

guarda o sonho com que, por não chorar, te embriagas
e, humilde como Job, volve êsse olhar tristonho
a mais altas regiões, a mais límpidas plagas...

II

Para as altas regiões onde o Ideal resplandece
(porque êle não se obumbra, êle não se aniquila)
volve êsse tôrvo olhar, como quem, numa prece,
fita os olhos com fé na celagem tranqüila.

Deixa que role em tórno a multidão refece
das víboras hostis, que pulula e sibila ;
não detenhas o olhar no espinheiro que cresce
à planta de teus pés a magoá-la e ferí-la.

Põe os olhos além. E, na bruta aspereza
desta paisagem má — ruínas e escuridão —
sê um traço de paz, de sonho e de pureza.

Sentirás dilatar-te um dia o coração,
como a enchente a subir por trás de uma reprêsa,
a onda imensa do amor, do olvido e do perdão.

Rios

a

ADALGISO PEREIRA

ALMAS contemplativas! Vão rolando
por esta vida, como os rios quietos..
Rolam os rios, — árvores e tectos,
céus e terras, tranqüilos, espelhando.

Vão reflectindo todos os aspectos,
num serpentear indiferente e brando.
Espreguiçam-se, límpidos, cantando,
no remanso dos sítios predilectos.

Fecundam plantações, movem engenhos,
dão de beber, sustentam pescadores,
suportam barcos e carreiam lenhos.

Lá se vão, num rolar manso e tristonho,
— cumprindo o seu destino sem clamores,
e sonhando consigo um grande sonho.

Aos meus camaradas

POR esta melancólica descida
através de sarçais e de atoleiros,
que seria, dizei, de minha vida,
sem vós, ó meus amados companheiros?

Que seria desta alma, assim ferida,
que seria dos sonhos derradeiros,
sem quem me ouvisse a voz, jámais ouvida
na surda multidão dos caminheiros?

Ah! como é bom sentir, na treva incerta,
a amiga voz que à nossa voz responde,
a doce mão que a nossa mão aperta!

Vamos... Rodeai-me sempre assim... Cuidado!
Quero, na escuridão que nos esconde,
ouvir os vossos passos a meu lado.

A um poeta

FELIZ, que trazes dentro da alma apenas
a dor de um ideal sem esperança ;
que não conheces a maior das penas,
— a tristeza do sonho que se alcança.

Essas mágoas que choram cantilenas,
como as ondas em langüida bonança,
parecem doces ilusões serenas,
junto à dor, que me fere e que me cansa.

A ventura sonhada é qual um monte
que ao longe se debuxa, azul-celeste,
no encantado mistério do horizonte.

e no entanto, de perto, a nossos olhos
se descortina desolado e agreste,
bruto ouriço de pedras e de abrolhos.

Voto

NO indeciso fulgor de teus olhos, orlados
de manchas de uma côr dolorosa de lírios
há o cansaço e o terror de todos os martírios
e a lassidão final de todos os pecados.

Olhos de pôr-de-sol, olhos quási apagados
numa névoa de morte onde rolam delírios,
fazem lembrar a luz de dois trémulos círios
em meio a cerração, por ermos descampados.

Tristes olhos ferais, trôpegos criminosos,
olvidados em paz! abutres moribundos!
borrasca transformada em mórbida bonança!

Possais, à hora final, fechar-vos, ansiosos,
numa branda visão de mais tranqüilos mundos,
numa alucinação de sonho e de esperança!

Extremo bem

BUSQUEI um dia as regiões serenas
da alegria e da paz. Doida esperança !
— ave que tenta voar, irriça as penas,
e à dura grande da prisão se lança.

Esse país aonde não vão as penas
da humana luta, só o sonho o alcança,
como o horizonte, que se enxerga apenas
e é mais remoto quanto mais se avança.

Vadeei, sem mêdo, um lodaçal medonho,
seguindo a voz das ilusões funestas,
que do meio das trevas me chamava.

Cansei. Parei. Voltei, enfim, do sonho...
E vim achar, maravilhado, nestas
desilusões um bem que não sonhava.

A solidão

I

A SOLIDÃO é um bem ; bem tanto mais perfeito,
quanto não se alimenta de ilusão :
é tangível, real, simples e sem defeito
como a água, a luz, o ar e o pão.

Vem da *desilusão*, até, freqüentes vezes,
como de árvore velha a fenecer
pode ainda, apesar de todos os reveses,
louro fruto suavíssimo nascer.

E' um bem que nada custa. E' um bem que jàmais passa.
Goza-o quem o quiser, quando o quiser ;
E por mais que se goze e que nos satisfaça,
Ninguém nô-lo maldiz... Que mais se quer ?

E', talvez, neste mundo, a só felicidade
que a inveja não nos tenta arrebatat ;
e nisso é até melhor que a pureza e a verdade
da mesma água da fonte e do mesmo ar.

Só ela nos permite voar, quando nos praza,
— e a quem, de quando em quando, não apraz? —
da ampla meditação na asa possante, na asa
veloz e branca, a uma região de paz.

Só ela nos permite abrir a todo instante,
na selva escura, em derredor de nós,
a clareira feliz de um sonho apaziguante,
onde possamos respirar a sós.

Só ela nos permite ascender qualquer hora
aos altos cumes da contemplação
e ver claro, ver bem, ver de cima e de fora
os marnéis da maldade e da ilusão.-

Só ela nos permite, ela apenas consente
conservemos nossa alma tal qual é,
distinta e individual, sobranceira e potente,
com as próprias feições e a própria fé.

Só ela nos permite — e isto apenas bastava —
reconhecer e aperfeiçoar nosso Eu,
arrancá-lo à torrente onde se dissipava
e restituir-lhe os traços que perdeu.

II

Quando o tédio nos vence, a mágoa nos assalta
entre a lama e os espinhos,
que uma sorte fatal nos depara sem falta
por todos os caminhos ;

quando, tristes de nós ! nos vemos assombrados
de emboscadas protervas,
a ouvir em derredor os regougos e os brados
de ferozes catervas ;

quando o sangue nos jorra, a cabeça nos pende,
e a alma, estonteada e aflita,
pede o repouso bom de que a paz lhe depende
e onde chore e reflita ;

quando o ambiente comum nos sufoca e atordoa
como o interior das minas,
e o convívio banal dos homens nos magoa
como as brenhas ferinas ;

a solidão se torna o mais seguro abrigo,
o refúgio mais certo,
onde a alma pode, enfim, encontrar-se consigo
e rever-se de perto,

e achar dentro em si mesma a desejada cura
que há de livrá-la um dia
dêsse mal, dessa dor, dessa tôrva loucura
e torná-la sadia.

Aí, como num horto, amplo jardim musgoso,
onde há sombra e quieteza,
pode passear em paz, quási já como um gôzo,
sua longa tristeza.

Alamedas sem fim coleiam sob as franças...
Entre árvores apenas,
a alma doente achará ramas leves e mansas
que lhe embalem as penas.

E a pouco e pouco ir-se-hão essas penas, oriundas
de um negro humor tristonho...
e a alma fica a sorrir nas delicias profundas
do seu jardim de sonho !

Arvore da rua

QUANDO te vejo, amiga, balançando
no ar impuro e bulhento da cidade
a velha fronde enxovalhada ; quando
te considero o manso aspecto, invade

tôda a minha alma, repentinamente,
uma onda de tristeza comovida.
E' que sou como tú, triste e doente,
vivo isolado, como tú, na vida.

Tú nasceste, de certo, no amplo seio
da natureza, a grande mãe extrénuia,
em meio de outras árvores, em meio
de arroios mansos e de gente ingénua ;

e hoje, abrindo essas ramas, com desgosto,
neste ar tão carregado de impureza,
tens o aspecto doentio e descomposto
da ave selvagem que definha prêsa.

Eu, que também nasci, como nasceste,
na doce paz bucólica da aldeia,
também padeço nesta vida, neste
ambiente cruel que nos rodeia.

Quando moves o vulto escuro e lento
com um soluço magoado em cada galho,
queixas pareces derramar aos ventos,
como eu aos ventos minha dor espalho.

Ninguém percebe, entanto, nossas dores,
nem vê que já perdemos a magia
que em tua copa rebentava em flores
e que minha alma de ilusões floria.

Deante de um esquite

DOCE velhinha, em meio de uma prece,
viu de repente o seu destino findo,
e, qual uma criança que adormece,
adormeceu sorrindo.

Seu luminoso olhar, que já não arde,
esmaiou como o céu dos claros dias
à hora bendita do cair da tarde,
pelas ave-marias.

Viu terminar, sem dor, o seu fadário,
sonhando a paz da derradeira plaga,
como a luz de um exausto alampadário
por si mesma se apaga.

Vida suave e puríssima, engolfou-se
tranqüilamente no trevoso arcano,
como um arroio transparente e doce
desemboca no oceano.

Santa, passou pela mundana luta
como alva pomba que voeja e sonha
através de uma selva triste e bruta,
sussurrante e medonha.

Bendita sejas tú, santa amorável,
branco lótus de pútrida lagoa,
que conseguiste a glória incomparável
de ser pura e ser boa ;

glória que, como as outras, não encerra
a seducção que exalta e que assassina,
mas cuja luz é a única, na terra,
que parece divina.

Sonhos de amor

a

ALBERTO SOUSA

I

ESSA graça radiosa, êsse donaire lento
— brando raio de sol a redoirar um lírio —
sinto-os ao pé de mim, de momento a momento,
como a velha visão seráfica do Empíreo.

Tu passaste por mim como um deslumbramento
que passa ; e eu mergulhei desde então num delírio,
a scismar e a tremer sob o pressentimento
de uma nova paixão e de um novo martírio.

Tenho na alma, depois que te vi e me viste,
uma surdina, um murmúrio, uma alvorada,
qualquer cousa de bom, qualquer cousa de triste ;

qualquer cousa que chega, em âncias inda incertas,
como ãa ave que acorda, e, inda mal acordada,
move, numa tonteira, as asas entreabertas...

II

O encanto espiritual que te envolve, lembrando
qualquer cousa do encanto esvoaçante da garça,
inda o sinto pairar dentro em mim, como um brando
raio de sol que a bruma, ao romper d'alva, esgarça,

E' tão branda, é tão suave, é tão nova, pairando
assim dentro em minha alma a claridade esparsa !
Já o sonho acordou dentro de mim cantando,
brotam flores ideais neste campo de sarça.

Ao potente condão dessa graça tão pura,
ressuscitam-me agora a esperança e a ternura
sob o velho torpor das recônditas mágoas ;

e são como a corola alvíssima do lótus,
que em dormente lagoa, entre limosos brotos,
rebenta e vem boiar aberta sobre as águas.

III

Tudo isto há de passar, de certo, muito em breve...
Branca névoa subtil, ir-se-há quando o sol nasça ;
branco sonho de amor, passará, como passa
pelas ondas em fúria uma garça de neve.

Passará dentro em pouco, imitando a fumaça
que se evola e se esvai nas curvas que descreve.
Fumaça de ilusão, fôrça é que o vento a leve,
fôrça é que o vento a leve e disperse e desfaça.

Que importa ! Uma ilusão que nos alegra e afaga
há de ser sempre assim, no mar bravo da vida,
como a espuma que fulge e morre sôbre a vaga.

Esta me há de fugir, esta que hoje me inflama !
E antes vê-la fugir como ãa luz perdida
que possuí-la ña mão como um pouco de lama...

IV

Oxalá se desfaça êste sulco pressago,
que em minha alma, ao passar, deixaste aberto um dia,
como a leve andorinha a voejar fugidia
sulca a face dormente e assombrada de um lago.

Oxalá tudo passe ! Ao anseio que trago
suceda a triste paz que já outróra eu trazia ;
fique a tua lembrança em minha alma sombria
como a recordação de um sonho doce e vago.

Vai-te, quimera azul, sonho ridente e flóreo,
onda, céu, borboleta, espuma, arco-íris, frança,
tudo o que é leve e encantador e transitório,

tudo o que em nossa mão se apouca e se destinge,
tudo o que nos atrai, e nos fere e nos cansa,
tudo o que se procura e que nunca se atinge...

V

Sonhos, sonhos de amor... Enganosa miragem
do deserto. fulgor de insidiosa lagoa
a sorrir e a tremer sob a fresca ramagem
na aparência feliz da água límpida e boa.

castelo de fumaça a embalar-se na aragem
e que de brusco rola e no azul se esboroa..
rútila espumarada oceânica.. paisagem
que vista ao longe encanta e que de perto enjoa.

borboletas ao sol... íngreme e dura serra,
que na luz do horizonte afunda as amplas cristas,
lembrando uma região de paz dentro da terra...

Paisagem, borboleta, águas, espumaradas!
Ilusório clarão das cousas entrevistadas!
Passageiro esplendor das cousas desejadas!

Contemplação

SUA esvelta cabeça, aureolada na espuma
dos cabelos roçais, lembra a de uma princeza :
fino e grave semblante a sorrir sempre, numa
deliciosa expressão de sonho e de tristeza.

Há no seu gesto o espreguiçar de um véu de bruma,
a surda ondulação da água de uma reprêsa ;
e ela parece que se esvai e que se esfuma,
tôda mágoa e cansaço e doçura e moleza...

Seus olhos, de uma côr feita de várias côres,
são dous tanques letais reflectindo esplendores
e sombras a tremer dentro da água tranqüila.

E' um encanto do olhar — e do ouvido, se fala...
Que delícia quedar-se a gente a contemplá-la
Sem esperança nem desejo de possuí-la !

J à m a i s

a

GASTÃO BOUSQUET

JÀMAIS, jàmais encontrarei aquela
que eu procurava pelo mundo outrora,
como quem mira um céu que não se estrela
um véu de névoa que não se evapora.

Jàmais, jàmais. E, solitária vela,
vai-se a Esperança, Desalento em fora.
Jàmais há de cèssar esta procela,
jàmais há de raiar aquela aurora.

Há de morrer esta vontade pura
(o coração aniquilado diz-mo)
na intimidadè das secretas máguas.

E êste imenso tesouro de ternura
será como um regato num abismo,
rolando oculto as cristalinas aguas.

A d e u s

VAI-TE. Eu vinha, a sangrar, caminheiro inexperto,
por esta áspera rota, alucinado, quando
ante mim te avistei, manso oásis, pompeando
na tristeza sem fim do meu longo deserto.

Os meus sonhos de amor, quais beduínos em bando,
olhos postos em ti, já te julgavam perto,
verde oásis em flor! bosque tranqüilo, aberto
em suaves tentações, ao repouso chamando!

Fugiste como a névoa ao sôpro de uma aragem.
Deante de mim deixaste, em breve, unicamente,
o roteiro fatal de uma intérrima viagem.

Não maldigo de ti. Tôda a miragem mente,
e tu foste, afinal, uma simples miragem
— ilusão de um olhar cansado e descontente.

L u a

E' NESTAS horas em que soffro e tento
vencer o tédio, víbora refece,
que o teu vulto à lembrança me aparece
num mais doce e maior deslumbramento.

Vem como a clara lua que esplandece,
inesperada, por um céu nevoento ;
minha alma se ergue, então, no alheimento
de uma dorida fervorosa prece.

O' clara, ó alta, ó refulgente lua,
se te elevas meu ser também se eleva,
e onde vais flutuando êle flutua...

Rompe das nuvens o pesado véu !
E's a única luz por esta treva
e o derradeiro encanto deste céu.

Tu, só tu

PENSANDO nesse misterioso encanto,
nessa graça tão límpida e tão pura,
quási dos olhos me rebenta o pranto,
numa explosão calada de ternura.

E quando a alma serena, assim, levanto
às regiões onde o nosso amor fulgura,
sinto no peito o coração de um santo
e sinto que a alma se me transfigura.

Só tu darias, coração perfeito,
levezas de ave sonora e doce
à serpe que me pulsa aqui no peito ;

tú, só tú, meu amor, trocar podias
o travo mau do antigo fel precoce
no dulçor destas lágrimas tardias.

Impassível

CONTEMPLAS-TE vaidosa nesta mágoa
que no meu verso pálido soluça,
como quem sôbre um rio se debruça
e vê seu vulto reflectido na água.

Mas não comprehendes meu pezar sombrio.
Ouves a estrofe dolorosa e ardente,
como quem ouve, indiferentemente,
o incompreensível soluçar de um rio.

E' que tudo o que outrora (quanto engano !)
doirava a nossa rude caminhada
acabou como a leve espumarada
que resplandece no furor do oceano,

Tudo esqueceste, tudo. Quem diria
que tudo aquilo, que te fêz tão louca,
e ora te enchia de canções a bôca,
ora os olhos de lágrimas te enchia ;

quem diria que tudo, dentro em breve,
desapareceria num momento,
como um farrapo de fumaça ao vento,
como um tufo de flores sob a neve ?

E, passada essa esplêndida miragem,
tu sorris numa doce indiferença,
se, contemplando a minha mágoa imensa,
nela vês reflectida a tua imagem !

Sorris vaidosamente. O olhar, tranqüilo,
pelos meus versos cálidos derramas.
Nem vês que são as derradeiras chamas,
os lampejos finais de tudo aquilo !

E's feliz. Muito tempo, embevecida
num largo sonho azul, me acompanhaste.
como da flor que se debruça da haste,
acompanhando o sol que lhe dá vida,

e êsse sonho de amor vieste a esquecer-lo,
deixaste-o descuidosa no passado,
qual quem perde, num gesto descuidado,
uma flor que trazia no cabelo. .

E's feliz, és feliz. Tú conseguiste
achar um peito que te amou constante,
andar-lhe ao lado como irmã confiante,
por uma estrada pedregosa e triste,

e eis que o abandonas afinal sózinho
na solidão dessa infinita estrada,
como quem deixa uma árvore isolada
que viu chorando à beira de um caminho.

Feliz, feliz, que só provaste, em suma,
do que o amor pode oferecer de gôzo !
Dêste oceano profundo e tumultuoso
só conhecestes a rendilhada espuma.

Deus te conserve sempre assim, por esta
vida, através das mundanárias dores,
como criança que colhesse flores
numa sombria e trágica floresta...

Surdina

a

JACOMINO DEFINE

TEU sorriso tão suave,
de espiritual doçura,
é suave e brando como um vôo de ave
na altura...

E' um trecho de horizonte
que não se avista bem,
que se entremostra para além de um monte,
além...

Os teus olhos, que a mágoa
de atra mancha circunda,
têm qualquer coisa que me lembra uma água
profunda...

Têm umas sombras mestas
como as penumbras onde
a vida misteriosa das florestas
se esconde.

Teus gestos indolentes
não se agitam jãmais ;
são como gestos de convalescentes
em ais...

Lembram os passarinhos
que em vôos surdos, cansados,
procuram tristes o calor dos ninhos,
— coitados...

Lembram o movimento
de águas mortas e turvas
que se enrugam de leve, lento e lento
em curvas...

Teu brando sêr me lembra,
ó solitária pomba !
tudo o que vai morrer, que se desmembra
e tomba...

E' branda como a luz
pela manhã radiante,
incerta como a névoa que flutua
distante.

dolente como a rama
de uma árvore dolente,
que sôbre um calmo rio se derrama
pendente.

Tens algo de saudoso,
de grave e de gentil,
que recorda êsse encanto melodioso,
subtil,

das efigies fanadas
de mortas formosuras,
que nos sorriem dentre desbotadas
molduras...

Não sei se te amo, ao certo ;
só sei que tú me arrastas.
Não te desejo, se te sinto perto ;
não desejo outra cousa, se te afastas.

Venturas dispersas

INDA me chora na alma, inda a illumina
como ãa réstea branca de luar,
a luz pálida e fina
do teu último olhar.

As palavras de amor que me disseste
tanta vez, tanta vez, doce e tristonha,
— cheio o rosto celeste
dessa vaga tristeza de quem sonha ;

os sorrisos, irónicos às vezes,
às vezes cheios de ternura mansa,
que ora me vinham maus como reveses,
ora bons como afagos de criança,

tudo passou por mim como revoada
de fugitivas aves erradias ;
tudo passou de-pressa, em desfilada,
com as noites e os dias.

Mas êsse último olhar, — ave que espalma
as brancas asas, trémula e doente, —
êsse ficou-me esvoaçando na alma ;
vejo-o constantemente.

Daimon

TENHO um amigo invisível,
que me não deixa um instante,
com uma perpétua lealdade horrível
e uma dedicação mortificante.

Quanta vez me gorgeia na alma a suave
e límpida alegria,
êle chega e ela foge, qual uma ave
que foge a uma rajada agreste e fria.

Ontem, sob a carícia de teus olhos,
tudo enxerguei com renovadas côres ;
esta vida, esta gândara de abrolhos,
era um campo de flores.

Derramou-se uma lânguida bonança
dentro de mim, apenas por sorrisos,
e esplendeu-me na vida uma esperança
como um arco-íris.

Um riso forte e bom — cousa tão rara ! —
fluiu-me dos lábios juvenil e franco,
à maneira de um jacto de água clara
a borbotar de um árido barranco.

Sentia-me outro ; repentinamente,
já todo o sêr se me transfigurava.
O céu fulgia mais resplandecente...
Um par de asas nos ombros me vibrava...

De súbito, porém, tudo isto cessa,
e o olhar, calado, nos teus olhos ponho,
estonteado como quem regressa
de um sonho.

Era o meu implacável camarada,
que me vinha soltar junto do ouvido
uma rápida e gélida risada ;
— não sei bem se risada, ou se gemido...

Canção

VIVI outrora numa terra,
longe destas gândaras más,
sonhando alegre com a guerra,
no seio da mais rósea paz.

Era mui pobre a minha tenda,
mas tão risonha e tão feliz,
que a passarada fêz vivenda
no mesmo ponto em que eu a fiz.

Mas eis que um dia me apareces,
no donaire do corpo em flor,
qual uma santa que pede preces ;
preces te dei, preces de amor.

Segui-te. Errei por longes terras,
fui o teu pagem mais fiel ;
por ti lidei cruentas guerras,
por ti me fiz de menestrel.

De rubras chagas sanguinosas,
sorrindo, todo mé cobri,
como herói coberto de rosas,
que glorioso e forte sorri.

Até que, um dia, me fugiste,
bênção do céu, divino dom.
Fiquei qual quem, absorto e triste,
acorda em meio a um sonho bom.

E hoje, sem ter mais quem me entenda,
sou como alguém que viva exul ;
em vão procuro a minha tenda,
a minha flórea tenda azul...

Visões da saudade

I

MATILDE

O ESPLENDOR dessa côma, êsse indeciso
crepúsculo do olhar, o encanto forte
que me provinha dêsse teu sorriso
e da flexuosidade do teu porte,

tudo agora me vem, tudo diviso
na atra penumbra lúgubre da morte,
desenhando-se, enfim, claro e preciso,
como traços de nítida água-forte.

Alma gentil, espírito formoso,
enche dêsse imortal deslumbramento
meu pobre coração cansado e ansioso.

Eu, tú o sabes, não te amei. . . Embora ;
dá-me à tristeza do arrependimento
a extrema graça de adorar-te agora.

II

ISA

ISA... Meiga e dolente criatura...
Nome breve e gentil como um adejo...
Eu ainda te contemplo, inda te vejo,
todo o nosso passado inda perdura.

Inda passas por mim calada e pura,
na maviosa timidez do pejo,
mal reprimindo as âncias e o lampejo
da íntima chama que te transfigura.

O sulco fundo que em minha alma traças,
o delírio desta alma ardente e louca,
teu coração que tudo sente, sabe-os ;

como eu sei perceber, quando tu passas,
a confissão que te morreu na bôca
e o beijo ideal que te ficou nos lábios.

III

NINA

NINA... Doce alma bem-aventurada !
Evoco o teu perfil, a cristalina
graça do teu sorriso, ó boa fada,
a repetir teu leve nome : Nina . .

E tú vens, vens de manso, alva e franzina.
Tudo adivinho, sem que digas nada.
Lanças-me o teu olhar, que me domina,
e logo o baixas, como dominada.

Córas. Calas-te. Calo-me. Voamos
a remotas esplêndidas esferas.
O mesmo sonho, sem falar, sonhamos.

E eu imagino, como se te visse,
frases de amor que tu já não esperas,
mas que outrora esperaste e eu não te disse . . .

Jesus e a viuva

a

JOSÉ DE CAMARGO

(*Coppée*)

UM dia em que Jesus com Simão Pedro andava, junto a Genezaré, margeando o lago, à brava refulgência estival da áurea luz meridiana, enxergou no caminho, ao pé de uma cabana, sentada no limiar, inda cheia de dor, uma pobre mulher, viúva de um pescador, baloiçando em silêncio o berço do filhinho, e fiando ao mesmo tempo uma estriça de linho.

Sob um curvo dossel de amplas figueiras, Cristo contemplava com Pedro a mulher, sem ser visto. Eis que chega um mendigo, um velhinho arquejante, carregando à cabeça um grande vaso ; diante da viúva pára, exausto, e seu auxílio implora :

“Mulher, devo levar, sem nenhuma demora,
êste vaso de leite ao próximo povoado.
Tú bem vês como estou, bem vês ; desajudado,
não posso lá chegar. Já muito pouco valho,
e é por ganhar o pão que inda, às vezes, trabalho.”
Ela não deu resposta ao velho miserando ;
tomou-lhe a grave bilha e seguiu-o, deixando
o filho que chorava e o restante da estriga.

Pedro, espantado, então, dessa bondade amiga,
volvendo-se a Jesus, disse :

“Vê, Mestre, aquela
abandona a morada e o filho, sem cautela,
somente por servir ao primeiro que passa.
Necessário não é que tal trabalho faça :
o infeliz acharia aqui mesmo bem perto
um caminheiro bom que o ajudasse, de certo.”

Respondeu-lhe Jesus :

“Pedro, quando algum pobre
tal affecto de irmão por um irmão descobre,
Meu Pai, que tudo vê, lhe ampara o humilde tecto.
Essa mulher fêz bem.”

E com sereno aspecto,
Cristo deixa o dossel das figueiras, caminha,
vai sentar-se, a sorrir, junto à velha cozinha,
e pelas próprias mãos, numa ternura mansa,
fia o linho na roca e baloiça a criança.

Depois, Cristo partiu.

Regressando, cansada,
a viúva compassiva achou, maravilhada,
— sem suspeitar quem fôsse o bom desconhecido, —
fiada a estriga inteira e o filho adormecido.

O noivo da Morte

a

MANUEL DE AZEVEDO

UM dia o príncipe Lisuarte
(Onde viveu? Seja onde for!)
se achou tomado, de tal arte,
de um sonho tão devorador,
que sem demora foge, e parte
para êsses mundos do Senhor,
a ver se encontra em qualquer parte,
em qualquer canto, o seu amor.

Percorre as côrtes mais famosas.
Damas de escol, damas em flor,
guirlandas matinais de rosas
cercam o pálido viajor.
Dizem no olhar: "A quem esposas?
A quem preferes?" Mas, oh! dor!
entre as princezas mais radiosas
êle não acha o seu amor.

Procura o príncipe, procura,
passeia o olhar em derredor,
desce à choupana humilde e escura,
deixa os salões, deixa o esplendor.
E essa ambição, essa loucura,
êsse delírio assustador
ninguém, ninguém, ninguém lho cura,
ninguém descobre o seu amor.

Regressa o príncipe desfeito,
sem riso o lábio já sem côr,
arfante e cavo o altivo peito,
caído o olhar dominador ;
e nesse olhar, — forte e perfeito,
vibra num vívido fulgor
seu grande sonho insatisfeito,
seu grande mal, seu grande amor.

El-rei seu pae dá-lhe a realeza,
êle a recusa com horror ;
dá-lhe uma nau, cuja esvelteza
só se compara ao seu valor ;

dá-lhe um castelo, uma turqueza
que faz feliz o possuidor . . .
Sorri o moço com tristeza ;
nada mais quer que o seu amor.

Só, no torreão do paço, véla,
por alta noite, o sonhador ;
contempla o mar sob a janela,
ouve-lhe o rouco, amplo estridor.
E eis que das ondas, alva e béla,
com um largo gesto sedutor,
surge, a sorrir, enfim, aquela
que tem de ser o seu amor.

Ergue-se o príncipe, radiante,
radiante, enfim, o sofredor ;
galga a janela do mirante,
só espera o tempo de a transpôr...
E o louco, o triste, o pobre amante,
da vaga ao ríspido fragor,
recebe o beijo enregelante,
o beijo atroz do seu amor.

O trovador e a princeza

(Alain Chartier e Margarida de Escócia)

O TROVADOR, triste e singelo,
vinha cansado, a cambalear.

Pediu entrada no castelo :

“Deixai-me entrar, deixai-me entrar !”

O seu gibão, que fôra belo,
estava roto, e o seu olhar,
claro como o aço de um cutelo,
varava a porta do solar.

— “Quem és ? Que fazes ? Que pretendes ?”

— “Chamo-me Alan, vivo a cantar.

Se a entrada aqui não me defendes,
quero comer e descansar.”

— “Entra, cantor. Mas como pendes !

Não vás cair ! E êsse teu ar...

Passaste a noute com duendes ?”

— “Deixa-me entrar, deixa-me entrar.”

Alan ! Alan ! Voa êste nome
pelo palácio a ressoar.
Alan não pára, Alan não come,
não lhe permitem repousar.
Quási a cair de sono e fome,
ante a Senhora há de cantar.
E o menestrel, que se consome,
prepara a teorba, a suspirar.

Vendo a princeza, que é tão suave,
como alva nuvem ao luar,
o estro abatido, qual ãa ave,
já se lhe agota para voar.
E Alan, de pé, gentil e grave,
reconta o seu peregrinar,
e em cada estância põe a chave
de um guai ! que vibra e vibra no ar.

Depois, o poeta, já santado,
deita a cabeça no espaldar,
pendente a mão, a teorba ao lado,
e os olhos cerra a descansar.

No amplo salão, já despovoado,
fica a princeza a contemplar
o branco rosto macerado
do trovador de bom trovar.

E a nobre dama, alva e franzina,
se lhe aproxima de-vagar,
sôbre o cantor o peito inclina,
pálida, pálida, a ofegar...
E beija a bôca ingénua e fina
que, enfim, lhe soube revelar
uma linguagem que é divina,
que nunca ouviu ninguém falar.

Resplandecente de beleza,
lança ao cantor um longo olhar ;
beijou-o já com afouteza,
e tem desejos de o acordar...
Mas, não... Retira-se a princeza.
E Alan dormita. E ao despertar,
vê-se isolado na frieza
da enorme sala do solar.

Filemon e Báucis

I

SOBRE a verde colina onde, agachada, abana
seu penacho de fumo azul, repousa, com
suave aspecto de calma e pobreza, a cabana
em que vivem a sós Báucis e Filemon.

Aí envelheceu, sem ambição insana,
o piedoso casal, simples, amante e bom,
guardando a paz e o amor sob um tecto de cana,
cujo abrigo bendiz como um divino dom.

Aí, vai êsse amor correndo o ciclo inteiro,
desde o beijo nupcial ao beijo derradeiro,
que lhes há de tremer como ãa ave a expirar.

E aguardando, sem dor, o perfeito descanso,
vêm tranqüilos a vida a fugir-lhes de manso
como o fumo que sai do tecto do seu lar.

II

Báucis e Filemon, junto à vivenda pobre,
olham o sol que morre e o vale em de-redor ;
e a luz, que põe no bosque um tom de ouro, lhes cobre
as alvacentas cans do mesmo resplendor.

Nos olhos dos anciãos, de um olhar claro e nobre,
há uma sombra — e isto só — de saudade e de dor :
nem um dia talvez a suas almas sóbre
na doçura e na paz crepuscular do amor . . .

Que será feito, enfim, dessas almas fraternas ?
A atra noute letal lhes escancara as fauces ;
lá os espera no Estige a barca de Caron.

E eis que, sonhando já com as auroras eternas,
êle descansa o olhar nos olhos bons de Báucis
e ela põe suas mãos nas mãos de Filemon.

III

Zeus, a quem o casal tanto venera, Zeus
vai-lhe dar um penhor de paternal bondade,
e dos suaves anciãos, vencidos pela idade,
duas árvores faz, após o extremo adeus.

Levantam logo no ar seus longos troncos, seus
verdes ramos arcuais, sua folhagem, que há-de
resistir ao granizo, à neve, à tempestade,
com a doce protecção do poderoso deus.

E os piedosos anciãos, que aos poeirentos viandantes
davam dentro da choça, aberta a qualquer hora,
um pouco dêsse amor que os ligava, hão de ser

tão simples e tão bons qual sempre o foram dantes ;
e o cansado viajor, que os abençoava outrora,
inda os há de abençoar, sem os reconhecer...

Apolo e Dafne

I

O JOVEM deus radioso, o Poeta, o Herói, Apolo,
que sabe conduzir junto ao carcaz a lira,
depois que fêz Piton estrebuchar no solo,
celebra ante Cupido as frechadas que atira.

Cupido substitue à força a argúcia e o dolo ;
arroja-lhe à traição leve rompente vira.
Soluça o vencedor ; dobra, sombrio, o colo ;
já não canta nem ri ; lamenta-se e suspira.

Seus olhos, que um desdém senhoril acerava,
embota-lhos a mágoa. A alma divina, escrava,
chora pelo que busca e chora o que perdeu.

Sua bôca jovial, cheia do riso eterno,
vive agora a ciciar um rôgo langue e terno
ante o esquivo esplendor da filha de Peneu.

II

Foge a Ninfa a tremer, como ãa pomba clara
foge ao milhano mau que contra ela se move ;
e o mancebo divino, a seguí-la, declara
a mordente paixão que o deslumbra e comove.

“Eu sou filho de Zeus. . . Tú és mais bela e mais rara
do que as Musas, ó Ninfa ! E elas, ouve ! são nove. . .
Julgas que sou um pastor ? Porque me foges ? Pára !
Estou triste, ó cruel, como o céu quando chove. . .

Quero sorver o mel dos ósculos augustos
no cíato aromal da tua bôca linda !
Sou Apolo ! Eu subjugo a Terra, e o Oceano, e o Ceu...”

Foge a Ninfa, rasgando o véu entre os arbustos ;
e ao longe ela reluz, talvez mais bela ainda,
no esplendor virginal do corpo já sem véu.

III

Ai de ti, louro deus ! Criador da Medicina,
que smplices terás com que essa angústia sares ?
Uma seta, afinal, te fére e te alucina,
seteiro vencedor entre os deuses hilares.

Corre Apolo através de uma áspera ravina,
com seus gritos de amor sonorizando os ares :
Dafne aparece além, harmoniosa e divina,
desafiando o fulgor dos lírios estelares.

Mas eis que a alcança já. Salta o voraz milhano.
Treme a Ninfa revel sob o seu gesto ufano...
Levanta Apolo no ar, sorrindo, a ansiosa mão.

Sai-lhe um brado triunfal com o esforço derradeiro,
— e em seus braços aperta a rama de um loureiro,
que se ergue, triste e só dentre as pedras do chão...

Pan e Siringe

O BARBAÇUDO Pan, que, malicioso, finge
perlustrar distraído o campo, de manhã,
contempla o corpo esvelto e branco de Siringe,
que, ela, sim, distraída, anda pela rechã.

Seu olhar, que êle faz vago como o da Esfinge,
de repente reluz de cupidez malsã,
e o Caprípede pula, a imaginar que cinge
o alvo busto lunar da Náiade... Mas Pan,

depois de se esfalfar na corrida exaustiva,
e quando vai tocar o ombro da fugitiva
e arrebatrar o véu, que a cobre por seu mal,

os olhos arredonda e abre a bôca, de espanto,
vendo que alcança, em vez do bem que sonhou tanto,
a áspera ondulação de um verde caniçal.

Perseu e Andrómeda

BRANCA e pulcra, a estorcer-se, a um penedo
encadeada,
geme Andrómeda em vão. Seu alvo corpo, seu
pranto comovedor, sua beleza, nada
quebra a sentença eril que do Olimpo desceu.

Já surge, porém, no ar, brandindo a curva espada,
num remígio veloz de asas de luz, Perseu.
O mar bravo percute a rocha solapada
por sob os pés do herói que a Medusa venceu.

E' rápido o combate. O Monstro ruge e tomba.
O corpo escultural de Andrómeda, liberto,
deixa o escolho que a vaga inutilmente rói.

E enquanto lá se vão sôbre o mar que rebomba,
Perseu canta, de sangue e de glória coberto,
e ela, núa, estremece entre os braços do herói.

Salomão e a rainha de Sabá

E ouvindo a rainha de Sabá a fama de Salomão..

...veio a Jerusalém com mui grande exército; com camelos carregados de especiarias, e muitíssimo ouro, e pedras preciosas: e veio a Salomão e disse-lhe tudo quanto tinha no seu coração.

(REIS, I : 10)

I

EM seu trono de ornatos refulgentes,
por doze leões de ouro e marfim cercado,
— Salomão surge, esplêndido, evocado
pela alma ingénua das remotas gentes.

Dir-se-ia o sol feito homem, coroado
num paço real de proporções ingentes,
a saciar seus caprichos exigentes
em gozos que ninguém tinha gozado.

E' poeta. Com a mão cheia de gemas,
compõe preces e cantos. Tem delírios ;
as próprias obras, muita vez, destrói-as...

E quando diz os seus melhores poemas,
suas mãos adejantes são dous lírios
cheios do orvalho multicolor das jóias.

II

Pela fama do Rei chega atraída,
a languescer numa paixão insana,
— linda ! — a Rainha de Sabá, seguida
de uma longa esplendente caravana.

Curva-se ao soberano a soberana,
deslumbrada, ansiosa, comovida,
ante o fulgor de Salomão, que empana
quanto fulgor tem visto em sua vida.

Mostra-lhe o coração. Nada lhe esconde...
E volta aos seus domínios. Mas que penas
leva da alma nos íntimos refolhos ?

Se lhe falam do Rei, nada responde :
deixa cair as pálpebras, apenas,
sôbre o languor crepuscular dos olhos.

Booz e Ruth

a

MANUEL CARLOS

BOOZ, o bom lavrador, a quem só resta,
para, enfim, completar sua ventura,
ter o carinho de uma espôsa honesta
e que junte à pureza a formosura,

Booz, adormece, fatigado, à sesta,
e, inda assim, a sonhar, se lhe afigura
que contempla, que segue e que requesta
uma doce visão formosa e pura.

Mas eis desperta o rico belemita
e vê o lírio dos lírios montanhesees,
Ruth, a seus pés ; toma-lhes as mãos, risonho.

E, risonho e feliz, se capacita
de que, se o sonho é bom, também, às vezes,
a realidade é bem melhor que o sonho.

Cirano

TUDO quanto possuias, tu o deste :
a alma, o talento, o sangue, a bolsa. E, triste,
foste, sem excepções, quanto quiseste,
mas nenhum de teus sonhos atingiste.

Odiaste os maus e os tolos como a peste,
sempre com a ponta do epigrama em riste :
afinal, teve mais do que tiveste
qualquer dos imbecis de que te riste.

Autor, a glória te escondeu a face ;
herói, não te coroaram neste mundo ;
passou na sombra a tua alma soberana.

E como se tudo isto não bastasse,
tiveste um longo amor puro e profundo,
mas não colheste o beijo de Roxana !

Folhas ao vento

I

A ALMA do poeta, agrilhoadá à terra,
como chorosa e solitária planta,
à ventania que nos ares erra
dobra-se, estala, e canta.

Alma que tenta voar e que não vôa,
desfaz-se em pranto de canções dispersas,
como a alma de uma fronde que ressoa
na ondulação das versas.

E enquanto ela se agita, soluçante,
quantos lhe passam perto, a tôda a hora,
na indiferença com que passam deante
de uma árvore que chora !

II

Revejo, muita vez, aquelas flores
que um dia tu me deste. Olho, magoado,
as suas tristes apagadas côres.
Vem-me à lembrança, então, todo o passado.

Assim aquele, que uma concha escuta,
imagina escutar
a ventania e os vagalhões em luta
sôbre um remoto proceloso mar...

III

Como quem, vindo da paterna aldeia,
pára numa eminência do caminho,
a contemplar mais uma vez o ninho
onde nasceu e, lacrimoso, anseia,

páro às vezes, na via dolorosa
da vida e lanço atrás a vista ansiosa :

além, além, alveja, alegre e mansa,
a aldeiola nativa da Esperança...

IV

Tu protestaste, há dois dias :
“Nunca mais te quero vêr.”
E o mesmo que me dizias
não tardei em to dizer.

Disseste : “Por tua causa,
nunca mais hei de chorar.”
“Nem eu !” respondi sem pausa.
Tudo ia, pois, acabar.

Partimos. Mal separados,
nós nos voltamos : “Adeus !”
E eu vi, com os olhos molhados,
que iam molhados os teus.

V

A Sorte ingrata levou-te.
Sem a luz do teu olhar,
minha tristeza é uma noute ;
mas a saudade é um luar.

A noute é brumosa e feia.
Noute de inverno não fôsse !
Mas, no céu, a lua cheia
é tão radiosa e tão doce !

Scismando à lua que passa,
minha alma pode exclamar :
— A noute desta desgraça
é noute, mas de luar...

VI

— Porque tu estás sempre triste ?
Porque tu nunca te ris ?
— Porque êsse riso que existe
sempre em teus lábios gazis,

tomaste-o da minha bôca
com meus beijos e meus ais,
levaste-o, sedenta e louca,
e não m'ó devolves mais.

VII

O meu amor é um cipreste
na tumba de uma esperança,
Não há vento que lhe empreste
uma canção leve e mansa.

Quem quer que atenção lhe preste
verá que nunca descansa.
Com que dor sombria e agreste
seu vulto escuro balança !

Profundo amor impoluto !
Planta que os homens assombra !
que não dá flor nem dá fruto !

Não se ergue sôbre uma alfombra ;
nada quer, senão o luto ;
nada produz, senão sombra.

Abrindo “Espumas”

QUE êste livro, leitor, um momento consiga
prender o teu olhar como a nuvem que passa,
e um momento de sonho e de ilusão te faça
viver, e te provoque uma palavra amiga ;

repercutem em ti as emoções que eu diga,
muito embora bem cedo o encanto se desfaça,
— e outro prémio não quero, êsse prémio ultrapassa
quanta compensação mereça esta fadiga.

A que mais aspirar ? E que há mais que eu mereça ?
Passe tudo isto ! Assim passam a vaga e as flores :
nada impede que o mar ondule e o chão floresça...

Eu não construo : canto... E entre tôdas as glórias
basta-me a de espelhar em poemas incolores
o perpétuo esplendor das coisas transitórias.

Nuvens

SOBRE a lâmina azul de um céu todo bonança
passa uma nuvem clara em curvas franjas de onda,
- vaga que adormeceu num mar que não estronda,
nas mudas convulsões de uma tormenta mansa...

Bruma, sonho da terra, ergueu-se ; e enquanto avança,
busca a forma fugaz, que se esboça e esbarronda ;
aqui se esgarça, ali descai, além, redonda,
boia ao sol que a redoira e ao vento que a embalança.

Sonhos, bruma secreta, entre anseios e dores,
sobem-nos da alma assim, livres, espaço em fora,
na lenta indecisão dos informes vapores...

Possam os meus pairar na luz por um momento,
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido — embora
suceda a cada esbôço um desmoronamento !

Epistola

a

MANUEL CARLOS

EU não sei, meu amigo, se a Poesia,
como uma fada complacente, vôa,
à invocação dêste ou daquele fiel,
e vem ficar-lhe ao pé, mansa em pessoa,
a dar-lhe vida e forma à idea fria,
a conduzir-lhe a mão sôbre o papel...

No meio desta humana turba-multa
existem (dizem) almas predilectas
que ela visita assim. Vates de raça
é dêsse privilégio que resulta
o seu carácter de genuinos poetas,
iluminados de inefável graça !

Eu não a vi jàmais. Nunca ela veio
impor-me a sua mão, que tem imposto,
na febre do trabalho, a tanta mão ;
não lhe senti jàmais o arfar do seio
sôbre o meu ombro ; nem, pelo meu rosto,
a sua musical respiração.

Nunca a enxerguei sequer ; meus pobres olhos
debalde tentam descobrir-lhe a cara,
e cruzar-se com os seus, numa ansiedade.
Tenho-a buscado, comó se buscara
do universal palheiro nos refolhos
a intangível agulha da verdade...

Sou, pois, amigo, como um namorado
que, na ausência da amada, se contenta
de andar pelos caminhos que ela andou,
e anda mil vezes o caminho andado,
porque senti-la se lhe representa
nas coisas que ela viu e que tocou.

Sinto-a um pouco por tudo, alegre ou mesta,
nos dias tristes, nos faustosos dias,
nas ondas bravas e nas ondas calmas.
A tudo um pouco de si mesma empresta ;
reluz nos gestos e fisionomias,
e tanto doura as pedras como as almas.

Os mares, os grotões, as alvoradas,
as idéas, as nuvens, a folhagem,
uma vida, uma lágrima, um prazer,
tudo isso — coisas tão disparatadas ! —
reflecte o seu clarão, como a paisagem
sob o clarão de um vago amanhecer.

E assim, nesta ofegante e doce lida,
como um amante que o seu bem supremo
espera vê-lo como um sol que nasce,
dou-lhe o que há de melhor na minha vida...
— mas não espero vê-la, e quási temo
que possa vê-la um dia face a face...

Nem eu mereça jàmais vê-la, amigo.
quando eu visse o mistério, qual te vejo,
quando a Certeza me guiasse a mão,
ter-me-ias calmo como um deus antigo,
— mas ir-se-iam pelo ar, num só bocejo,
as delícias do anseio e da ilusão !

A um adolescente

a

JULIO MESQUITA FILHO

I

ÉS moço. E's belo. E's forte. Em ti a juventude
refloriu no esplendor da harmonia e da graça :
nem traço feminil que mesquinho te faça,
nem o vigor bestial que a imagem torne rude.

Vejo o Alcides pagão, pronto a brandir a maça...
Mas, não. Alguma coisa há em ti, que não me ilude :
teu olhar morno e quieto é um sonolento açude,
onde um tardo bulir de água morta perpassa.

Destreza, porte, côr, músculos, nada falta,
— nada te faltaria, oh ! não, se não faltasse
o sôpro, a chama, a luz que transfigura e exalta,

o instinto heróico, o ardor de exceder-se nas lides,
que essa alma ainda em fusão, vivo e brusco, plasmasse
pelo relevo audaz dêsse corpo de Alcides.

II

Quisera ver-te, ó tú que és moço, olhos erguidos
ao beijo alto da luz, o olhar cáldo e recto
espelhando ante o sol, o amigo predilecto,
o clarão interior dos sonhos atrevidos.

Nem tristeza banal, nem desânimo abjecto,
nem plangente desdém, nem queixas e gemidos,
mas a graça e o vigor do corpo e do intellecto,
e a alma a vida a beber pelos cinco sentidos.

Que importa que te falte uma crença radiante !
Que a ilusão te morresse ao bafo atroz do mundo !
Basta crer na Beleza ! E basta a Mocidade...

Sê moço. Vive e luta ; anela e vibra. Adeante !
Vive como um falcão de olhar duro e profundo,
vive amando o esplendor, a altura e a imensidade.

III

Basta crer na Beleza. Ama-a no Cosmos, fora de ti, e ama-a em ti mesmo. E' a suprema pesquisa ! Busca-a. E esculpe teu sêr, juntando, hora por hora, à mente que concebe o escopro que realiza.

Perguntas : — “Onde o metro, a norma, a arte precisa para rasgar no bloco a forma que se ignora ?”

— Quem ao leão deu o ardôr com que os desertos pisa ?
E quem à águia ensinou a ser do azul senhora ?

Tens o instinto voador de quem nasceu com asas.
Ama o que é forte e puro, odeia o que é perverso,
o que é baixo, o que é vil, tudo o que anda de rastros.

E põe-te em comunhão, no entusiasmo em que abrasas,
com a Beleza, esplendor da Vida e do Universo,
com a poesia, os herois, os abismos e os astros.

IV

Falta o preceito firme a que a acção se conforme?
Falta uma directriz clara e definitiva?

— Quem a teve jámais? O bom ideal é informe,
e a Certeza, ai de nós! de todo o encanto o priva.

A torrente que corre e espadana, áurea e viva,
sem parar nem recuar no itinerário enorme,
busca um sonho que além, sob a névoa, se esquiva...
e ai! dela, se desvenda o sonho azul que dorme!

Sê tu como a caudal: foge ao remanso e ao charco.
A água pura é a que ferve e scintila entre abrolhos.
O miasma e o lodaçal moram nas águas mansas.

Avança, seja o sol resplandescente ou parco;
— e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
impele-a para além à proporção que avanças!

V

Ponha quem o quiser a mira predilecta
ao alcance da marcha, e, mão alçada, siga,
certo de achar um dia a suspirada meta
e de colhêr o fruto e aplacar a fadiga.

Muito melhor, porém, — deixa que o diga um poeta
e que o fátuo saber dos doutos contradiga, —
é perseguir o ideal com a esperança secreta
de que vê-lo jàmais de frente se consiga.

E' lutar como quem ambiciona a vitória
arder em sangue, em raiva, em júbilo, em heroismo,
e abrir para a derrota um semblante risonho.

Nem ouro, nem poder, nem gratidões, nem glória !
Nada vale o viver pairando sôbre o abismo
e a graça de morrer antes que morra o sonho.

VI

Que importa que o final de todo humano esforço
seja um enigma, além, — e, ainda mais longe, nada !
Que os caminhos da vida, o direito e o retorso,
levem ao mesmo termo a boa e a má jornada ?

Que procurava o efebo, erguendo o disco e a espada
na arena, ou governando a quadriga no corso ?
O sereno esplendor da alma forte, ligada
à rijeza do braço e ao relêvo do torso.

Perdeu-se tudo ? Sim. Talvez não. A beleza,
que em vagas de emoção torceu a turba erguida,
não se perdeu, talvez, quem sabe ! como o resto...

E que importa, afinal ! Afronta essa incerteza,
afronta a escuridão, glorificando a Vida
no minuto de luz que arde, às vezes, num gesto !

A Palmeira e o Raio

a

ALBERTO DE OLIVEIRA

A PALMEIRA, entre a plebe hirsuta dos arbustos,
das arvores anãs, moitas de um verde baço,
ásperos taquarais que o vento encurva e anima,
lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos,
— um só traço direito a fender o alto espaço,
com um largo leque aberto a balançar-se em cima.

Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto esguio
sôbre a crespa colina, único descoberto,
remirando-se airoso em solidão tamanha.
Abrindo o seio azul, em baixo, espelha-o o rio.
Voam-lhe à volta, em ronda, as aves do deserto,
E debruça-se além, contemplando-o, a montanha.

Só ela põe no horror do quadro, — hispídos montes,
agrestes barrocais, plainos áridos, vale
sombrio, mato ralo e poento, — só ela
põe no bocejo atroz que enche estes horizontes
o encanto de um sorriso, um sorriso que vale
por tudo, e a graça real de uma ondulante umbela.

Quando a manhã reponta, à aura leve, que adeja
em tórno, o sol disputa a glória de beijá-la.
Sôbre a névoa do vale, onde a água dorme oculta,
sôbre os moitais que a sombra ainda empasta e negreja,
ela só se desvenda, e incrusta em flúida opala
o verde capitel que o isolamento avulta.

Quando o dia esmorece e o ocaso se esbraseia
e uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,
sôbre o outeiro o perfil, tinto de sol, se enxerga,
solitário na turba imensa que o rodeia,
erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,
o anseio ascencional de uma fé que não verga.

Um dia, o sol queimava, em torrentes de chama.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
nem um frémito de ar na água pregada à borda.
Como vasada em bronze, imota a curva rama,
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
súbito, estruge ao longe e o éco pesado acorda.

Uma nuvem se arranca, além, à serra ; assoma,
e engrossa. O azul do céu, metálico, se turva.
Um vento brusco açoita o matagal bulhento.
O caule da Palmeira, enfim, se abala ; a coma
dança e zune, e, a oscilar, traça tão larga curva
que parece fugir, livre e jovial, com o vento..

Estala um raio. A escuridão cresce. A tormenta !
Outro raio, a raivar, percute o cerro bronco,
retalhando-o talvez com o inflamado cutelo.
Outro mais. Outro ainda... Este, agora, rebenta
sôbre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo flabelo.

Então ressoa a voz da alta Palmeira :

— “Basta !

Acertaste, afinal, Raio ardente. Inimigo,
a haste encontras, enfim, tantas vezes buscada
em vão. Achas, enfim, a fronte erguida e casta
que jàmais se curvou, que se enfrentou contigo
cem vezes, sem terror. E venceste. Obrigada...

E' uma glória morrer na tormenta desfeita,
sob o vento, o granizo e o trovão ; morrer quando
sôbre mim se despenha o universal assalto ;
resistir a cantar, sustentar-me direita,
na divina embriaguez do perigo, e, cantando,
cair varada assim de um golpe que vem do alto.

E's o inimigo audaz e recto. Desconheces
o gelado rancor que teme a luta e o risco,
o ódio vil que sorri, e sorrindo assassina.
Desconheces a bava e a peçonha, os refeces
ardis, o acúleo surdo, o olhar do basilisco...
Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.

Tu me viste aqui erecta, a rir à luz ridente,
dominando a soidão com a graça do meu vulto,
com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.
Por eu ser assim grande, e por te olhar de frente,
quiseste-me prostrar. E poupaste-me o insulto
da tua compaixão desdenhosa de forte.

Vieste, de frente e de alto, e rábido caíste
cem vezes sôbre mim. E cem vezes erraste
os golpes. E também cem vezes, sibilante,
o meu riso ressoou no espaço escuro e triste.
Mas agora venceste. Eis rôta a umbela ; eis a haste
sempre de pé, mas rôta. Eis-te, enfim, triunfante.

Obrigada... O teu ódio audaz foi fôrça minha.
Certa da ameaça leal e do assalto galhardo,
vivi no sentimento heroico do meu termo.
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.
Desprezei o que é torpe — o plangente moscardo,
a lesma fria, o cipó frouxo, o sapo enfermo.

Que seria de mim sem o teu ódio franco?
Teria que empregar minha cólera Augusta
contra o insecto roaz, contra o batrácio, contra
os parasitas vis; e olharia o barranco,
em vez de olhar o céu, e a restinga combusta
em vez da serra azul que, além, com o céu se encontra.

E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,
o que coaxa, o que trila, o que zumbe ou cicia.
E a lenta podridão...”

Emudece a Palmeira .

O vento, uivando, avança, e estorce, e envolve, e arroja
a fronde que, a morrer, ainda o desafia...

— O Raio estronda, além, rasgando a cordilheira.

Alegria

a

MARIA

SURGES. Trazes na bôca um sorriso... Sorriso?
Suspeita de sorriso, inocente disfarce;
sombra de alguém que vinha e recua indeciso;
astro a pungir, longinquamente, o azul do dia;
surto que se esboçou, surto em que vai alçar-se,
de súbito, talvez, tua alada alegria.

Ela está sempre assim, de asas abertas: vibra
uma leve impulsão, e ei-la borboleteando,
borboleta que sem esforço no ar se libra,
que da plena quietez passa, sem sobressalto,
ao vôo e não se sabe, ao vê-la erguida, quando
vai descer e pousar ou vai subir mais alto.

E o sorriso despontá. E' riso. Estende a linha da commissura, igual à de um arco seteiro. A cada canto sulca uma branda covinha. Scintila-te no olhar, scintila-te nos dentes, e vai-te iluminando, em pouco, o rosto inteiro, como a alva doira o céu das manhãs transparentes.

Como é linda a alegria em ti, como é divina,
— esplendor natural da saúde harmoniosa,
música viva a fluir de uma alma de menina !
Nem malícia, nem fél, nem resquício de mágoa :
é a alegria que vem como o perfume à rosa,
como ao fogo o fulgor, e a espuma à queda d'água.

Nem vêes que luto, a sós, com o tédio que me cansa,
que nos olhos que ponho em ti, com alvorôço,
quási surpreso desta aparição tão mansa,
sob o riso recente há uma tristeza velha,
como a treva que jaz no mais fundo de um poço,
por baixo dos clarões que a superficie espelha...

E sorris, e sorris. Vagueias pela sala ;
sôbre os livros que, á mesa, ante mim se acumulam,
debruças-te. E sorris, como a rosa trescala,
sem motivo ou razão ; sorris com todo o rosto,
e com os dedos também, que sôbre os livros pulam,
vibrando em tecla ausente um "scherzo" não composto...

E partes, a sorrir. Mas agora o sorriso
é a imagem do que foi, ou como que o disfarce :
sombra de alguém que vinha e recuou indeciso,
para logo tornar mais de pressa do que ia ;
vôo que está a descer, para logo lançar-se
ao mais alto esplendor da divina alegria.

E eu fico ainda a sorrir, também, tal qual um monge
após uma visão de doçura e de graça.
E, triste o coração, o pensamento, longe,
procura o teu futuro e o teu bem, minha filha,
mas o sorriso fica — é o sol que na vidraça
de uma casa calada e deserta arde e brilha...

Musset

LÊ. Mas lê com vagar. A estrofe comovida
é torrente veloz que o Artista mal subjuga ;
ora, crespa, referve ; ora, é um cristal sem ruga ;
sempre à contemplação e ao sonho nos convida.

Não busques o lavor que a emoção, flama erguida,
a uma vã rigidez das expressões conjuga :
é a torrente, é o rolar da água liberta, em fuga,
espelhando, a tremer, as paisagens da vida.

Voga ! Não há temer nem remoinho nem frágua.
Olhá lá dentro o céu de pérola e turqueza !
Olha as nuvens do azul vagando dentro da água !

Olha as ribas em flor ! E o salgueiral tristonho !
E a colina !... Aqui tens, em verdade e em beleza,
no infinito da Vida a imensidão do Sonho.

Taça vazia

ao

DR. OLIMPIO PORTUGAL

OBRIGADO. O meu verso ainda te encanta o
ouvido?

Deixou-te o olhar de azul e de luz alagado?
Foi como um golpe de asa esplêndido e atrevido
que te ergueu para além de súbito? Obrigado.

A beleza entrevista, o sonho pressentido,
êsse deslumbramento, êsse enlêvo, êsse brado,
nada disso brotou, bem sei, do verso lido,
mas do próprio fulgor do teu fogo sagrado.

O verso era bem meu : tua, tôda a poesia...
Honraste a minha taça enchendo-a do teu mosto.
Posso agora quebrar essa copa vazia.

Para que conservá-la?... Outros, menos felizes,
por ela tragarão mil drogas de mau gôsto,
maldizendo-a com o mesmo ardor com que a bendizes...

Cedro expatriado

À SOMBRA de outras árvores, à sombra
de todo um bosque alto e folhudo, erguendo
a verde copa sôbre a mesma alfombra,
na água do mesmo rio reflectida,

uma arvoreta, a remirar-se na água,
vai-se enchendo de orgulho, e vai-se enchendo
ao mesmo tempo de uma funda mágoa,
— orgulhosa de si, triste da vida.

Olha no tope do seu caule esguio
sua fronde a outras frondes enlaçada,
e tudo reflectido sôbre o rio
numa só mancha com rasgões de luz ;

escuta os mil rumores dessas franças,
que aos da sua se casam, numa zoadá
de cadências coléricas ou mansas,
— e o que dentro lhe vai, assim traduz :

“A minha fronde imensa enche a floresta
de uma torrente de sonoridades !
Só ela uma alma e uma paixão põe nesta
bruta e bronca mudez vegetativa.

Só ela sonha e canta. Seus acentos
de mágoa, de esperança, de saudades,
largo-os na asa frenética dos ventos,
para que a mata no meu sonho viva !

Sinto, porém, que o matagal me aperta.
Quem me dera mais luz e mais espaço !
Desdobrar minha rama, ampla, liberta,
sôbre alto viso, numa solidão !

Descortinar o céu e a serrania,
desafogada do molesto abraço
dêstes cipoais e desta ramaria,
desta baixa e nojosa multidão !”

Ouviu-a, certo, um nune compassivo...
Mãos humanas, um dia, dão com ela,
roubam-na à sombra do rincão nativo.
E o lindo cedro já não vive oculto.

Sôbre um outeiro vai viver sózinho,
— patente e solitária sentinela, —
para que a gente do casal vizinho
lhe goze a graça juvenil do vulto.

E ali deita mais sólidas raízes.
Dir-se-ia, vendo-lhe a ramada espalma,
a mais feliz das árvores felizes.
Mas, ai ! os vegetais são como nós...

Não raro, sob as tintas exteriores,
tem chagas infernais no íntimo da alma ;
e mesmo aquele que rebenta em flores,
em pranto rebentava, tendo voz...

Vendo-se a sós com a sua rama flébil,
o cedro se calou, como quem pensa,
todo espantado de se ver tão débil,
tão diferente do que presumira !

Quão pequenina é a rama leve, que antes
lhe parecera tumultuosa, imensa,
enlaçada às cem frondes murmurantes
de cujo seio musical saíra !

O vento passa pelo descampado
e, encurvando a arvoreta, só lhe arranca
surdo cicio, logo devorado
pelo vasto silêncio em derredor...

Onde os tumultos e as cantigas? Onde
aquela vozeria agreste e franca?
onde aquele alto marulhar de fronde?
aquele amplo e fantástico rumor?

O murmúrio do pobre cedro enfermo
fenece no ar, como um soluço vivo
que se escapasse, miserável, no ermo,
de uma desgraça que ninguém socorre ;

mas, embora sem sombra de esperança,
procura o seio do rincão nativo,
e, embora morra no caminho, avança,
porque a saudade que o gerou não morre !

A um moço triste

OLHA o jovem carvalho, o cedro adolescente,
como arrojam para o alto os troncos inda lisos,
como recebem rindo os beijos e os sorrisos
da nova madrugada à verdura recente.

Olha o arroiò jovial que inda não é torrente,
como salta, agitando os seus líqüidos guizos,
E o galo novo que ergue, em sons inda imprecisos,
todo o seu sêr que nasce à luz do sol nascente.

E o potro que no campo esbarronda a manada,
na ansiedade de espaço e de amor, que o sacode.
E o horto, que ostenta, a rir, a primeira florada...

Só vós, moço, chorais à Vida que alvoresce.
Só vós pedis à Vida o que ela dar não pode,
e só vós recusais os bens que ela oferece.

A Estátua e a Rosa

a

EMILIO DE MENEZES

PELO soco de pedra, ao sol da manhã branda,
vê a Estátua enroscar-se uma rama espinhosa.
Qual se a vida animasse a votiva guirlanda,
entre as flores de bronze expande-se uma Rosa.

Milagre natural, mimo da primavera,
entre as formas e a côr a atenção lhe reparte.
E' o trevoso mistério onde a vida se gera,
a florir do esplendor de um leve sonho de arte !

Mas a Rosa, soerguendo a corola orvalhada,
soluça a mágoa atroz que a alma de flor lhe corta :
“— Tu, por homem mortal concebida e talhada,
tu não morres, Estátua ! Eu amanhã sou morta.

O meu viço é agonia. Um fado bem diverso
te assegura uma vida esplêndida e tranqüila.
O sol, meu pai e algoz, juntou, meigo e perverso,
ao vigor que me exalta o mal que me aniquila..."

E a Estátua respondeu :

“— Rosa, invejo-te a sorte.

A glória de durar é uma longa miséria.
Que ironia, viver, engolfada na morte,
a vida vã da forma e o sono da matéria !

Eu provenho de um sonho, e essa flor de poesia
só dentro da alma brota, e fenece onde medra.
Em nascendo, tornei-me a carcassa vazia
da ilusão que intentou eternizá-lo em pedra.

O sonho é um torvelim sem medida e sem norma ;
é um latejar de vida, onda fervente e amarga.
A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá forma,
é a vasa densa que a onda, em refluindo, larga...

O sonho de beleza, êsse estado de graça,
não se fixa jámais ; move-se como a vida,
A obra surge, e resplende. Ele prossegue, e passa.
E a obra viva e perfeita é a que não foi concluída...

Um dia serei pó. Tu viverás, rubente,
enquanto o mundo rola ao sol de ouro que te ama.
Tu, sim, re florirás, indefinidamente,
com essa forma, essa côr, êsse orvalho, essa flama.

Tu, sim, és imortal nessa fragilidade.
Tu, sim, ostentarás, pelos tempos em fora.
a perpétua frescura, a eterna mocidade,
à luz de cada aurora l''

Tapera

NUMA curva da estrada, onde a luz reverbera
num tanque, entre ervaçais, aparece uma casa.
Pombas voejam no oitão, sôbre a cumieira raza.
Tudo ali tem um ar de quem convida, e espera.

Sigo. Chego ao pomar : o capim prolifera ;
a guaxima ao joá bravo, alta e rija, se casa.
Silêncio. E, no silêncio, o som mole de uma asa
e o fremente chiar da cigarra. E' a tapera.

Bato à porta. Ninguém. Olho por uma fresta :
tudo escuro ; e no escuro, a descer do telhado,
longas fitas de sol. Nada mais ali resta.

A velha casa morre. Apenas, sôbre as lombas
do tecto a desabar caminham sem cuidado,
nos pequeninos pés, turturinando, as pombas.

Crepusculo sertanejo

CAI a noite. Um rubor fulge atrás da colina,
cujá sombra se alonga a pouco e pouco, enorme.
A velha árvore, além, verde núvem, se inclina
para o chão, balançando o vulto desconforme.

E' uma nota profunda a vibrar na surdina
das côres e da luz, no amplo vale que dorme,
No silêncio feral, que é uma vaga neblina
de sons, passa-lhe a voz como um borrão informe.

Sob a copa uma forma em cinza se desmancha.
Um boi cansado busca a figueira cansada ;
muge, e deita-se, em paz, numa violácea alfombra.

Muge. A fronde e o animal fazem uma só mancha ;
o mugido e o rumor da fronde, a mesma zoadá.
Manchas de som . . . Zoadas de côr . . . Silêncio. Sombra.

Jesus entre as crianças

a

ALBERTO FARIA

Jesus repousa, sentado
sôbre a grossa raiz de uma figueira velha.
Como a árvore na luz do ocaso ensanguentado,
está quedo e sombrio. Ao som leve da aragem,
seu esquecido olhar, onde se espelha
a dolência do sonho e da meditação,
vaga, sem nada ver, na sombra da folhagem,
sôbre a areia do chão.

Pedro, a um lado, contempla a face do Rabino.
Não fala ; quer falar, mas não sabe que diga...
Receia interromper com uma palavra rude
o sereno esplendor do alto sonho divino,
como o vento a encrespar a calma de um açude.
Mas receia também que a tristeza e a fadiga
tomem o coração do Mestre, e o coração
do Mestre muito amado, ao jeito da figueira,
se dobre sôbre si, e em soluços estale,
cheio da própria sombra, a pender para o chão.

E', pois, com uma alegria prazenteira
que vê, além, no côncavo do vale,
vir uma ronda extensa de crianças,
como flórea guirlanda desnastrada
pondo na asa do vento ansiosa e rouca
o estrépito jovial dos cantos e das danças.
Faz menção de chamá-las ; mas recua.
Olha para Jesus, que não vê nada,
e, carrancudo, leva o dedo à bôca,
onde um resto de riso ainda flutua.

Mas o Rabino desperta
dessa meditação longa e soturna,
e um clarão de alegria o rosto lhe ilumina,
como um raio de sol bate o serro nevoento
ainda banhado da algidez nocturna.
Fala, acena, sorri, com a alma tão descoberta,
com a voz tão meiga, tão cristalina,
tão infantil no acento da ternura,
que o álaçre bando pára, hesitante, um momento,
avizinha-se enfim do estrangeiro que o chama
e cujo aspecto já o não assombra ;
procura a mão serena que o procura,
mão de que o afago se derrama,
como de um galho se desprende a sombra.

Jesus a todos fala com desvelos,
envolve-os numa nuvem de carinhos.
A êste prende-lhe as mãos nas suas mãos ; estreita
aquele sob um braço, outro sob outro braço ;
alisa-lhes os cabelos,
como quem amimasse passarinhos.
E o seu sorriso bom suaviza o espaço...
Mas há nessa efusão de ternura perfeita,
— sombra que as rugas da água fazem na água —
algo de um inefável desconforto,
de uma secreta mágoa.

Por fim, Jesus, de novo meio absorto,
pegando as mãos de um pequenito louro,
cuja cabeça brilha, cujos olhos
brilham como cisternas de água clara,
depõe-lhe um beijo na madeixa de ouro...
E' como se tomasse uma flor entre molhos
de flores raras, como a flor mais rara
que tenha visto.
Pedro põe-se a pensar que êsse infante ditoso,
radiante de beleza e radiante de encanto,
assim acariciado pelo Cristo,
que o envolve num olhar tão longo e veludoso,
será, de certo, no futuro, um santo,
é um querubim, talvez, que se encarnasse.

Jesus larga, porém, o infante que se esquivava.
Levando a mão à face,
volta à postura primitiva,
curvado para o chão, o olhar todo encoberto.
Pedro não se contém : — *Mestre, aquela criança...*
— *Pedro, torna Jesus, como num livro aberto,*
li todo o seu futuro.
— *Um futuro de paz e bemaventurança?...*
(Jesus Cristo sorri melancolicamente).
— *Dize-me, então, Senhor, eu te conjuro :*
será um anjo, talvez, que nasce entre êste povo?
Que grandeza reserva o céu a êste inocente?
Será profeta? Será rei?...
— *Será ladrão,*
diz o Rabino, o olhar mergulhando de novo
na sombra que se alonga e que oscila no chão.

A um poeta desconhecido

TU, sim, amigo, tu bem compreendeste aquilo :
a vacuidade atroz daquela feira abjecta,
onde, hostil, à penumbra, ao recato e ao sigilo,
estrondeia o tropel da turba ousada e inquieta.

Sábio, soubeste erguer no Silêncio um asilo,
— claustro branco onde canta o sonho azul do poeta,
como a fonte que flue, sonora no ar tranqüilo,
a encher perenemente a piscina repleta.

Do teu mudo desdém se escôa, comovida,
a obra que tu compões — uma tácita prece
à beleza do mundo e à beleza da vida.

Assim vive a palmeira entre as paisagens calmas :
goza-lhes o esplendor e o encanto lhes acresce
com o alto fuste do caule e o capitel das palmas.

Jardim fechado

OUVE: o affecto melhor não é como a áurea messe
que abre ao passante um seio amplo e desimpedido.
Não é um fruto qualquer, mal amadurecido,
que se colhe e se guarda a ver se amadurece.

Muita vez o mais alto é o que não se oferece,
e, desejando, espera, e foge, se é seguido...
Nunca te perdoarei não teres compreendido
o coração que se calou, mas não esquece.

Tiveste-o a palpitar longamente a teu lado.
E êle embalde esperou, com um sorriso entre dôres
como um jacto de sol num arvoredado escuro.

E não quiseste abrir êsse jardim fechado!
E passaste, a colhêr, depressa, as pobres flores
que ao alcance da mão pendiam sôbre o muro...

A boa arvore

a

J CARLOS

ALE'M, no vale imoto, onde a selva congesta
se adensa e enrosca, a ondear os contornos hirsutos,
uma árvore surgiu, cresceu, rasgou uma fresta,
resistindo aos cipós e aos encontrões dos brutos.

Enquanto as outras mais se estorcem, doidas, esta
crava a raiz no solo, e, em ritmos resolutos,
ergue o tronco e abre a rama, e floresce modesta,
e a fronde alta e redonda estrela de áureos frutos.

Ninguém lhos colhe. A lama, as aves e as formigas
devoram lentamente os pomos de ouro dútil,
sob a copa que pende escorrendo fadigas...

E a árvore, em breve, a alçar os pendões do renovo,
tranqüila recomeça a obra pesada e inútil,
para, em vindo a sasão, frutificar de novo.

Prece da tarde

a

D. FRANCISCA JULIA

GENIOS mansos da tarde, escutai minha prece.
Sinto-vos deslizar por estes ares... Pondes
um veu de seda azul no ombro nú da colina.
Entre as moitas, o rio, em silêncio, adormece.
E sobe, lento e lento, entre os cimos e as frondes,
da fadiga da terra o sonho da neblina.

Bolem na ondulação do campo, cujos termos
se vão perder ao longe em manchas de fumaça,
longas hesitações de água em açudes quietos.
E as mulheres que vem da fonte pelos ermos
parecem respirar tranqüilidade e graça,
erguendo no ar tranqüilo os cântaros repletos.

A mata, além, na linha extrema do horizonte,
junto às nuvens, que são vastas selvas aladas,
são nuvens a ondular no grilhão das raízes.
Tudo se esgarça e fluidifica. O hispido monte
dissolve a pouco e pouco, em tintas apagadas
a aridez do contôrno e o vigor dos matizes.

Génios da tarde azul, enchei-me de harmonia...
Doces, apaziguais o vale amplo e revôlto.
Também minha alma é assim, revôlta : sossegai-a.
Permiti que o meu ser, na luz final do dia,
bóie e paire desfeito, ondeie calmo e sôlto,
num sereno esplendor de água brava que espraia.

Vós que comunicais a tôda a natureza,
nesta lenta fusão das côres e das linhas,
do perfume e do som, tão longo êstase mudo,
permiti que minha alma, ao jeito da reprêsa
que se abriu e inundou as regiões convizinhas,
se derrame, calada e extática, por tudo.

Por tudo se derrame, arrastada, envolvida
por esta alma abismal das coisas, ampla e bela,
e também se desmanche em sombra e em murmúrio,
e sinta-se viver da imensa e obscura vida,
que por tudo circunda e em tudo se revela,
e palpita com a fronde e soluce com o rio.

Passada esta hora, leve, em que assim se repousa
sem ilusão nem dor, numa serenidade
que surpreende e seduz o espírito contrito,
deixai-me carregar comigo alguma coisa
dêste instante feliz de beleza e verdade,
de plenitude e paz, de sonho e de infinito.

Alguma coisa, enfim, que me fique no peito,
que me fique na dor, como um suave despôjo,
no tumulto e no pó do mundo estreito e amargo,
como num barco prêso em pôrto esconso e estreito
parece ainda pairar, entre as velas e o bojo,
a ampla palpitação das carreiras ao largo!

Rimas pobres

A UM CASAL

VEJO-VOS caminhar aconchegados
como dois bons, sinceros camaradas,
que por ínvias estradas, por estradas
pedregosas andassem, fatigados.

Fazeis bem. Vossas almas fatigadas,
nestes ermos da vida dilatados,
só caminhando muito aconchegados
podem sorrir tranqüilamente aos fados.

Que importa a sombra do desconhecido!
Que importa o sofrimento! Eia, abençoado
o mau caminho, que vos tem unido.

Podeis olhar sorrindo o trecho andado...
Quantos, mais do que vós, terão sofrido,
sem ter, no entanto, como vós, amado!

A um velho poeta

ASSIM vieste, assim vais, oh Poeta, pela vida,
nessa doce loucura, alheio a tudo o mais.
Não sabes a extensão da estrada percorrida,
nem sabes de onde vens, nem para onde vais.

Cantas! Cantas o amor. Tua voz comovida
é clara e natural como os bons mananciais.
Mais de uma alma te amou, sem te ser conhecida,
como se amam somente os deuses imortais.

Aves tardas e vis, bichos de aspecto enfermo,
que o teu canto acordou vibrando os écos do ermo,
seguiram-te a raivar... Mas raivaram em vão.

Desces a última encosta. E inda essa voz amiga
sôa, ao longe, ensaiando uma nova cantiga,
na graça juvenil de uma nova illusão.

A delicia da vida

LANGUESCES, triste e só, como o arbusto desnudo,
que tenta em vão cravar no chão duro as raízes.
Nada sabes de ti ; nada te agrada ; tudo
é a mesma escuridão com diversos matizes.

No sossêgo e na paz, pedes um mal sanhudo
que abra feridas ruins e avive cicatrizes.
O tédio enche-te o olhar de sombra, se estás mudo ;
se falas, aparece em tudo quanto dizes.

E perguntas ansioso : — Onde a calma e o remédio ?
Como me hei de livrar dêste perpétuo tédio,
dêste cansaço atroz, desta mágoa incontida ?

— Faze sofrer alguém ! Verás como te acalmas.
Conhece a arte subtil de envenenar as almas,
e então fruirás contente a delícia da vida.

O Vagalume e o Escaravelho

UM vagalume, a voar, de quando em quando,
entre moitas em flor, num parque velho,
lançava no ar o verde lume,
riscando a escuridão. Filosofando,
por entre a relva, um triste escaravelho
estava a olhar o vagalume.

E o escaravelho triste, a andar de rastros
(pois coxeava de duas ou três pernas),
ia a dizer consigo :— “Que entusiasmo !
Julga talvez que está a ofuscar os astros...
Pensa que as suas míseras lanternas
enchem as velhas árvores de pasmo !”

E o vagalume, estrêla pequenina,
subia às franças, a circunscrevê-las,
e ia incendiar o coração das rosas,
e ia bailar sôbre a piscina,
pondo entre os mil reflexos das estrêlas
o de mil esmeraldas luminosas.

De uma feita, pilhando-o sôbre a areia,
o escaravelho aproximou-se e disse :
— “Pois não se cansa, então, meu filho?
Para que fim, sem repousar, voltaia ?
Quanta vaidade nessa garridice !
Quanta illusão nesse enganoso brilho !

Melhor é andar, como eu, quieto, na relva...
E' tão grande êste parque ! Eu, que o percorro
há tanto, ainda o não conheço inteiro.
E, além do parque, há o vasto campo e a selva !
E, além, a serra... E o campo e a mata e o morro
nunca verão fulgir êsse candeeiro !

A vida é curta. O mundo é imenso...”
— “Tá, tá ! será bem certo quanto fala :
mas, tendo asas, porque hei de andar de rastros ?
E quanto à pobre luz que emito, penso
que tolice maior será apagá-la
porque não pode emparelhar com os astros.

Essa modéstia, de que faz espelho,
só tem de espelho a límpida moldura.

A eternidade... ou nada !

Apre ! que pretensão de escaravelho !
Que dilema audacioso ! Que loucura,
de vã sabedoria mascarada !

Ora, adeus. Ou, se já de mim não zomba,
vamos juntos : o espaço a voar convida...
Vamos para o alto ! Como aquilo é lindo !"
O escaravelho tenta voar, e tomba
nas asas rôtas, maldizendo a vida.
E o vagalume sobe reluzindo.

A um filosofante

a

GELÁSIO PIMENTA

PREGAS a audácia, o esforço, a luta indefinida :
"Ama a Vida, qual é, sôbre tôdas as cousas,
Luta ! ambiciona ! canta ! ousa ! delira . . . E' a vida.
A onda esplêndida e cruel te esmaga, se repousas.

A paz, a doce paz, mora entre as frias lousas
do campo-santo ; aqui, freme a perpétua lida.
Viver é desejar. Tu vales pelo que ousas.
A renúncia nasceu do sonho de um suicida."

Assim falavas tu, fêrvido, o gesto forte.
O mar, junto de nós, a eterna dor bramia,
— dor sem compensação dos anseios sem norte.

E eu, sem mais nada opôr à tua audaz veemência,
um rochedo mostrei-te à flor da água . . . Dir-se-ia
morto : vive, ousa e luta. A onda embate-o : êle
vence-a.

Contraditório

RAPAZ, vivi num sonho ardente e deleterio,
que foi da nau sem norte o símile mais justo.
Sem conhecer o mundo, achei-o triste e angusto.
e fiz do mar imenso o meu suave ermitério.

Errei, a demandar, sem cuidado nem susto,
miragens de beleza e abismos de mistério.
E ainda estaria a errar de hemisfério a hemisfério
se a minha pobre nau já não vogasse a custo...

Hoje, conheço o mundo e, enfim, desiludido,
comparo, à frouxa luz da razão que amanhece,
a terra firme e farta ao procelosò mar.

Quanta fadiga vã! Quanto tempo perdido!
Como o sonho é enganoso!. Ai de mim! se eu
pudesse...
partir segunda vez e nunca mais voltar!

Cigarra

a

OLEGÁRIO MARIANO

PIA um passaro além. De uma copa, responde
estrídula cigarra, e o canto agudo estira.

Dir-se-ia que a Terra, ante o Verão que expira,
ergue uma prece à luz, dando uma voz á fronde.

Porque canta a cigarra? E que diz ela? E onde?
em que frincha de sombra? O grande sol que a inspira
dando-lhe o alto esplendor dêste céu de safira,
a penumbra produz que a dissimula e esconde.

Canta, cigarra! Tu, que, em vez de teres garra,
bico, dardo ou ferrão, tens uma voz fremente,
enche do teu clamor estas matas e furnas.

O destino do poeta é como o teu, cigarra :
sonhar sonhos de luz na penumbra envolvente,
dar um frémito e um canto às frondes taciturnas.

O arroio

LA' vai o arroio claro a fugir entre lágeas,
entre rendas subtis de avencas e de lestres,
aqui beijando, a rir, tufos de saxifrágeas,
ali roçando a flor das roseiras silvestres.

Lá se vai. Nada o prende a tão risonha estância,
Di-lo heis satisfeito ; insatisfeito salta..
Em vão lhe verte a flor os filtros da fragrância,
em vão a erva sedosa a riba em flor lhe esmalta.

Em vão bailam-lhe em cima, a namorar-lhe as pérolas,
borboletas de seda e de veludo é prata.
Tentam debalde enfeitiça-lo as auras quérulas,
os insectos de fogo e os pássaros da mata.

Em vão lhe acena, ansiosa, a palma sôbre o estípíte...
Tudo embalde lhe está em derredor tramando
teias de tentações e de afagos ! Precípíte,
para tudo se ri, mas lá se vai, cantando.

A uma rosa, — talvez por mais bela e mais úmida, —
que o exorava, movendo acima da água o cálix,
respondeu, a soerguer-lhe uma carficia túmida :
— Exala o teu perfume. E' forçoso que o exales.

Balouça no ermo o alvor da corola de névoa !
pois êsse é teu destino. A mim cabe outra sorte :
quer a minha que eu fuja e que não pare. Eu levo-a,
sem relutar, comigo ; é mister que a suporte.

Parar seria, oh flor, viver no lodo flácido,
e onde ostentas o olor e a alvura da epiderme,
gerar traições letais sob um repouso plácido,
e conviver com o sapo e alimentar o verme.

— E que vais tu achar além, tão longe, arroio,
senão a resistência imota das pedreiras,
a vertigem brutal das quedas sem apôio,
a opressão dos canais e o estouro das cachoeiras ?

Por isto vais trocar esta paragem flórea . .

— Quando se aceita, sabe-o, é menor a desgraça.
Menor, quando se busca. E é gozo e íntima glória,
se se vence, e depois, sem parar, se ultrapassa !

Hei de seguir, crescer. Minhas rasteiras águas
serão águas caudais em cachões e remoinhos.
— Serão dôres mortais tuas pequenas mágoas...
Mas não me hão de impedir que rasgue o meu caminho!

Hei de abrí-lo a cantar. Fraguado e precipício
ver-me-hão sempre avultar, ao sol, de embate a embate.
— Porque tanta fadiga e tanto sacrifício?
— Para surgir mais forte após cada combate.

Hei-de inundar, enorme, o amplo vale, a planície...
— Levarás o baldão das quilhas e dos mastros.
— Quando os astros, no céu, vierem à superfície,
dormirei, a sonhar, todo coalhado de astros...

— E que te espera além? O mar, o olvido...
— Teme-o
quem não sabe, como eu, desafiar a treva.
— E por nada, afinal, te cansas!
— Qualquer prémio
macularia o alvor do sonho que me leva...

Estoicismo

CONCEBE um alto e claro pensamento,
que seja o teu abrigo e o teu reduto :
não por que possa produzir-te fruto,
mas ainda que te renda só tormento.

Copia o cedro, que alça o tope enxuto
à luz bem pura, onde é bem rijo o vento ;
um dia talvez ache, alegre e isento,
a luz mais bela e o vento menos bruto.

Ascenda livre a tua seiva rica !
Deixa que a chuva com a bonança alterne !
Se o cedro persistisse em ficar baixo,

teria, — sem a luz que purifica, —
em vez do vento, que avigora o cerne,
a convivência ascosa do escalracho.

Vencedor

UM dia, enfim, na senda em que vais, dura e flórea,
ao termo chegarás da exaustiva escalada,
e, depondo o bastão, a lira, a cruz, ou a espada,
cingirás o laurel da mais alta vitória.

Um brado, uma ovação, tropéis... Depois, mais nada.
Inda todo a fremir da áspera trajectória,
entrarás bocejando a áurea porta da Glória,
e olharás com surpresa a multidão calada.

Olhá-la hás com rancor, vendo-a seguir a esmo,
vaga a eternos vai-vens e remoinhos sujeita.
E não terás razão, porque a glória é assim mesmo...

A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te, numa
investida triunfal; depois, recuou desfeita...
Como há de a onda parar, para que brilhe a espuma?

A Vida

(IMPRESSÃO DO "MOISÉS", DE
MENOTTI DEL PICCHIA)

EIS a Vida : seguir umas quimeras vagas,
lançando a mão em sangue aos cardos e aos espinhos
rolar no pó ; gemer ; deixar pelos caminhos
mil farrapos de carne e o sangue de mil chagas ;

sorver o horrendo fel que anda em todos os vinhos,
o veneno que jaz em tôdas as teriagas ;
persistir, todavia, entre as chufas e as pragas
dos que vão, a ulular, por trilhos convizinhos ;

chegar, enfim, exausto, ao fastígio da idade,
ver desfeito o jardim de encanto que sonhámos,
cair desfalecido e — supremo revés —

olhando para trás, ver que a felicidade
ficou além, no vale, onde, espectros, passámos,
ficou além, na flor que calcámos aos pés...

O Açude

a

OTÁVIO AUGUSTO

I

QUANDO ressoaram no ermo, com fragor,
as primeiras malhadas, em cadência,
no alto da primeira estaca,
o Artífice passeou o olhar dominador,
quebrado numa vaga sonolência,
em tórno da barraca.

Podia respirar, enfim... Podia,
enfim, sozinho, agora, irradiar energia,
ardentemente, sôbre a natureza ;
abrir, enfim, tôda a comporta agora
à vontade fatal que no ser lhe estuava,
como a água funda a arfar no âmbito da represa.

Havia de senti-la extravasar cá fora,
viver na vida que criava,
desdobrando-se à luz como uma cobra,
na turbamulta dos trabalhadores,
resfolegando em bufos de motores,
ondeando em fumo, ardendo em luz, tinindo em aço,
cravando-se no solo, erguendo-se no espaço,
nas muralhas da Obra !

Fôra uma longa luta insidiosa e rasteira,
entre as malhas sombrias da cidade...
Vencera, enfim ; vencera a custo,
e arrancara-se após a êsse ascoso aranhol
para o livre horizonte dêste campo,
como o rio que ferve na cachoeira
por entre paredões, num passo angusto,
e vai enfim ganhar a claridade,
amplo e calado sob o céu escampo,
benéfico e feliz à luz do sol.

Podia respirar... Num vivo escorço,
ao sopé da colina, onde, como uma vela,
se arqueava a tenda aos júbilos do vento,
via agitar-se à luz a multidão obreira,
na alegria comum de um harmónico esfôrço ;
e ela lhe pareceu formosa, e ela
lhe pareceu esplêndida, um momento,
entre as scintilações dos ferros e o estridor,

e entre nuvens de poeira :
porque viu que em uníssono, fremente,
como vibrando ao som de um remoto clarim,
parecia animada, heroicamente,
das audácias de um sonho criador...
E era o seu sonho que vivia assim !

Largo e soturno, ao lado,
rebrilha o claro rio entre arbustos escuros,
como um espelho em bronze emmoldurado.
Lança-lhe um longo olhar de desafio,
que a água e as ribas abarca.
Há de prendê-lo, um dia, entre altos muros :
há de mudar-lhe, em breve, a insidiosa preguiça,
a frouxa lentidão de livre e calmo rio,
que as planícies inunda e as baixadas encharca,
numa fôrça monstruosa, e, entretanto, submissa.
E, até então, viverá, dia por dia,
essa vida maior que pela obra plasma :
transformado em legião, com dois mil braços,
será uma força natural bravia
a lutar com o penedo e a fazê-lo pedaços,
com a terra, áspera ou branda, a revolvê-la,
com a lama, o charco, o miasma,
a podridão, os vermes, a extinguí-los ;
a lutar com a água mole, a água rebelde e mansa,
mortífera e cruel sob aspectos tranqüilos,
a domá-la e vencê-la.

E há de ver o seu sonho, a idéa aérea,
que era sombra de sombra, a aspiração
que pareceu mórrer ao formular-se,
tomar formas visíveis à matéria,
trasladando-se aos poucos, sem disfarce,
a rápidos sinais de sua mão,
em silogismos rijos de muralhas,
em conclusões de abóbadas e pontes,
rival dos rios e dos montes,
— sem desvios nem falhas
sem uma imperfeição !

II

E a luta começou, porfiosa, dia a dia.
Vendo o campo talado e revôlto, dir-se-ia
que ali vaga e extravagava um formigueiro humano,
a arder numa paciente insânia, sem mais plano
que apagar as feições à obra da natureza.

Já do álveo que era seu banida, a correnteza
muge ao lado, a raivar, na curva de um desvio ;
e do que foi há pouco amplo e sereno rio
resta um jorro banal, saudoso do seu leito,
e um caminho de lama esboroadado e desfeito,

onde os seixos ao sol são como os ossos brancos
de um morto apodrecido à sombra dos barrancos.
De um lado e de outro lado, entre montões de areia,
montões de alvenaria. Entre uns e outros, serpeia
confusa multidão de sulcos e de fossos.
E tudo em derredor são ruínas e destroços.
Entanto, o enxame, a ir e vir, não pára nunca :
quebra, esbruga, recorta, esmaga, fende, trunca.
Já leve ondulação do terreno não resta,
cuja curva gentil não lhe rompa uma aresta.
Já relvado não há, fresca e viçosa alfombra,
onde um ferro não rasgue uma guela de sombra.
E do seio do bosque ondulante e gemente,
que em vão busca na terra a água do rio ausente,
surge, a ostentar no espaço a agudez do contraste,
o esqueleto anguloso e rijo de um guindaste.

Mas, aos poucos, do caos vem repontando a ordem ;
nem só destroços há no chão que os ferros mordem.
Da larga sementeira espantosa de estragos
parecem já brotar, ainda lentos e vagos,
os contornos subtis de uma idéa, à conquista
da forma estreita e justa onde esplenda e subsista.
Passam dias ainda, e já da terra medra,
buscando o sol estivo, uma frase de pedra ;
outra, aos poucos, além, do solo se desata :
juntam-se, e já o sentido, em comum, se dilata.

Esboça-se, mais longe, um arco, de onde em onde,
e a quem, a cada qual, arco igual corresponde.
A cavidade se une à cavidade. A fenda,
que era um enigma há pouco, agora se desvenda :
será um longo canal. E do emmaranhamento
de escombros e de paus, de pedras e cimento,
que além estrala e range entre nuvens de poeira,
vai deslindar-se em breve a leveza altaneira
de uma ponte graciosa, a espelhar o arcabouço
na água que há de fulgir, ampla e funda, no poço.

Presente sempre aí, enquanto o sol é vivo,
o Artífice é a alma audaz do esforço colectivo ;
seu gesto, sua voz, seu nome, seu comando,
sua vontade está, por tudo, aí, pairando.
Vem dela o estranho ardor que ergue os alviões na faina.
Aqui, propete o embate ; além, o ímpeto amaina,
E a legião, que a lutar tão longos dias passa,
outra razão não vê do que faça ou desfaça.
Cada pedra partida em lascas, cada mole
carreada, cada lenho a entrar na argila mole,
cada alferce rompente a voar nos ares, tudo
ponto por ponto espelha o pensamento mudo,
tão prestes como o gesto ansiante ou harmonioso,
como o olhar, o meneio, a palavra, o repouso,
quando a saúde, em paz, alma e corpo equilibra.
Tôda essa vibração sai do seu sêr que vibra !

Assim, o moço forte, embriagado, na lida,
vê cada novo dia ampliar-lhe nova vida.
Sente-se desdobrar, ser legião, ser torrente,
crescer em derredor de si como uma enchente.
E essa larga embriaguez tanto a alma lhe transtorna,
tão alto o faz viver, tão jubiloso o torna,
que, amando o que lhe empresta uma força dobrada,
já quási teme vêr a grande obra acabada...

III

Um dia, enfim, o Açude, acabado, se alteia,
ao longe, sob o sol que o dorso lhe incendeia ;
lá fulge entre a cortina ondulosa da mata,
mar de bronze arripiado em espumas de prata.

Já o curso da água, além, regulado pela arte,
dons que antes não possuía, hoje, aos poucos reparte.
tôda a cidade, agora, os perccebe e reclama,
e a mão, que os afeiçoou, grande e forte proclama.
Já o vale improdutivo, à surdina da rega,
deixa que à messe farta abra espaço a macega ;
e, ao mesmo tempo, em vez dos miasmas, a saúde
vem conquistar mais terra em derredor do Açude.

E aos domingos, na praça, o burguez que suspira
por ares menos maus do que o ar que respira
e por um quadro novo e de nova beleza,
lá vai, em romaria, em busca da reprêsa...
Diante da imensa cuba, alta, funda e repleta,
onde o céu se despenha, êle sente-se poeta,
livra a imaginação do freio cotidianó.
E do tanque, florão da Cidade, anda ufano...

Um côro triunfal de louvores celebra
a forte concepção, a audácia que não quebra,
o saber minucioso, a razão previdente,
o sacrificio, a fé que alçaram a obra ingente
a despeito do error, da ignorância, do pasmo,
da escumante impotência e do ácido sarcasmo
a despeito da muda opposição da terra,
do marnel que polui e do morbo que aterra,
a despeito do tempo, — e que assim, a despeito
de tudo, vieram dar num lavor tão perfeito.
O Artífice, porém, usado a ir contra tudo,
quando tôda a cidade assim fala, está mudo.
Vôa-lhe o nome no ar, porém, quanto mais vôa,
mais se esgueira e se apaga, em sombras, a pessoa.

Porque há de êle fugir à alta glória que o chama?
Porque, depois da luta em conquista da fama,
quando a fama se rende, êle lhe volta a face,
como quem não a quis, como se a não amasse?

Julga-a talvez mesquinha ? Achará que ainda é pouca ?
Pouco, ir assim de peito em peito e de bôca em bôca !
Pouco, poder pregar tais asas à vaidade
— a gratidão do povo, o orgulho da cidade !
Ah ! que é preciso arder numa ambição de louco,
para achar que tudo isto, afinal, seja pouco !
Assim mais de um varão sensato raciocina.
E a aura feliz do Obreiro, entre chascos, declina ...

O tempo faz o resto. O tempo tudo apaga.
tudo renova ; após uma vaga outra vaga,
tudo alui e desfaz. A rosa em que a luz arde
é um sonho de manhã, será um farrapo á tarde.
O olvido, cuja marcha êsse não há que tolha,
como a hera — sôbre a fama ergue de folha em folha
o velário que encobre o vigor, que deslustra
o brilho e as intenções, uma por uma, frusta ;
como a lenta umidade — as juntas retalha,
aqui esboroa, ali amolga, além espalha
onde as linhas e a côr se davam mútuo arrimo
a lepra do bolor e a babugem do limo ;
e como o carrascal que se larga a si mesmo
— por entre as construções mais fortes viça a esmo,
perspectivas destroi, primores desalinha,
e reduz a grande obra a uma ruina mesquinha.

Sofrendo sorte igual à do esfôrço que o alçara,
o Açude sofre, além, a invasão que não pára :

a ruina, o esquecimento incoercível das cousas, que dá às obras da vida a tristeza das lousas, avança : aqui escurece : ali deforma . . . Avança como os pontos de sombra avançam na lembrança, a crescer em tamanho e em negror, lento e lento.

O esquecimento é ruina. A ruina é esquecimento.

IV

Alma piedosa parte a consolar o Obreiro :
— “Bem compreendo o pesar que te faz prisioneiro de ti mesmo. Compreendo êsse orgulho ferido, que anda a sofrer a sós um mal incompreendido. Sabias que a ovação da cidade e do povo premiava em teu labor — não o bom, mas o novo, (pois de agora não é que o vulgo insciente e pulha só se abre com rumor ao que chega com bulha) e quiseste fugir a essa triste aparência, que, se afaga a vaidade, atormenta a consciência . . . E tiveste razão : cessa o rumor ; o açude lá está, triste e apagado, e para a gente rude é como a árvore boa à beira de uma estrada : pouco importa saber por que mão foi plantada . . . Por isso te retrais . . .”

— “Sim ! como quem se dobra
sôbre si mesmo, a erguer, na mente, nova obra,
— obra que lhe renove essa embriaguez de vida
cujo encanto se esvai quando a emprêsa é concluída !

Que me importa o rumor transitório ou perene,
que afetuoso me exalte, ou duro me condene ?
que a obra feita pereça, ou dure e brilhe ainda,
se findou para mim, desde que a dei por finda ?
Certo é doce pensar, numa volúpia calma,
que a feitura onde estão pedaços de nossa alma
há de permanecer, forte, — quais penedias
sob inquieta caudal, — sob o dobar dos dias.
Certo é doce a quimera. A’s vezes, a quimera
é todo o bem do herói, que, na treva, ainda espera
ver de brusco raiar, do atro horizonte ao nível,
o encantado fulgor de uma aurora impossível . . .
Mas a ânsia juvenil que me impulsa e me exalta
não vem dessa ilusão, porque a ilusão me falta.

Tudo quanto me alenta o esfôrço—é o próprio esfôrço.
Como quem, sôbre um lenho, erra por sôbre o dorso
mutante da água viva, ora os remos batendo,
ora os remos largando, insaciável bebendo
todo o vário esplendor da infinita paisagem,
sonhando entre dois céus, e só termina a viagem
quando é fôrça parar, e, parado, só pensa
em reatar bem depressa a ebridade suspensa,

— tal eu vou pela vida, ansioso, de obra em obra...
Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
Minha existência é um rio, eu quero-a como um rio,
impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,
— e porque amo a caudal, quero vagar sôbre ela,
contente se me exalta, e feliz se a acho bela.

Que me importa a reprêsa ? a aura infausta ou galerna,
que morra antes de mim, que sobreviva eterna ?
O esforço é bom quando nos ergue e nos arrasta
no turbilhão da Vida e do Sonho ! E isto basta”

V

E tomando o compasso e o esquadro, e reacendendo
no olhar a chama azul que ia, há pouco, perdendo,
— chama serena e igual de lâmpada nutrida,
chama de sonho largo e vontade contida, —
de novo se debruça, arfante, sôbre a prancha ;
traça, emenda, refaz ; recomeça e desmancha...
E nesse estrênuo afan, que é delícia e tortura,
êle arqueja e sorri, com raiva e com amor,
— qual quem lavra uma gleba dura,
— qual quem sorri para uma flor...

NOTA

Na poesia "A Estátua e a Rosa" há um verso :

E a obra viva e perfeita é a que não foi concluída...

que tem semelhança com êste outro de Rostand :

Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais

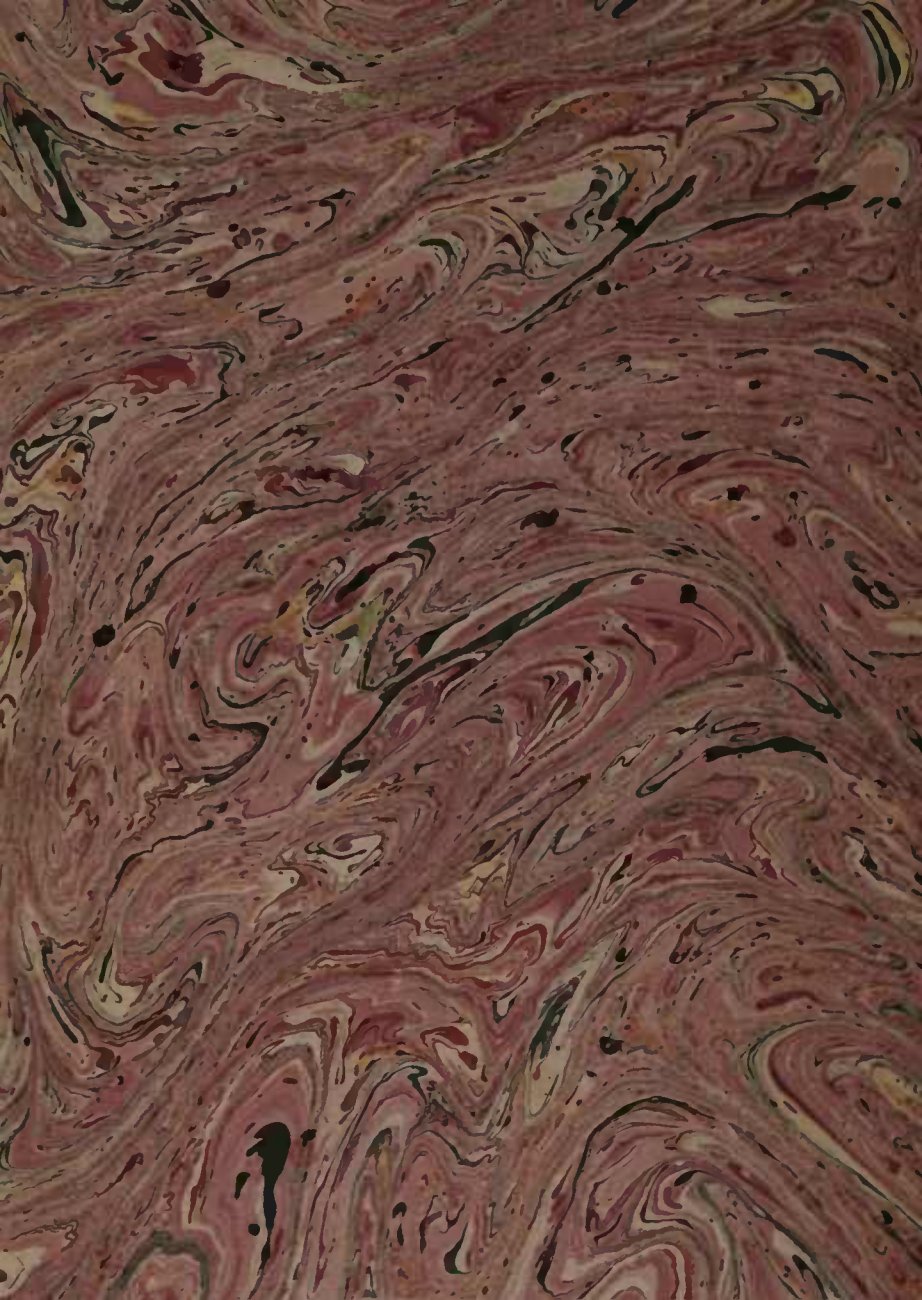
que se encontra na "Ballade des vers qu'on ne finit jamais", no livro "Musardises".

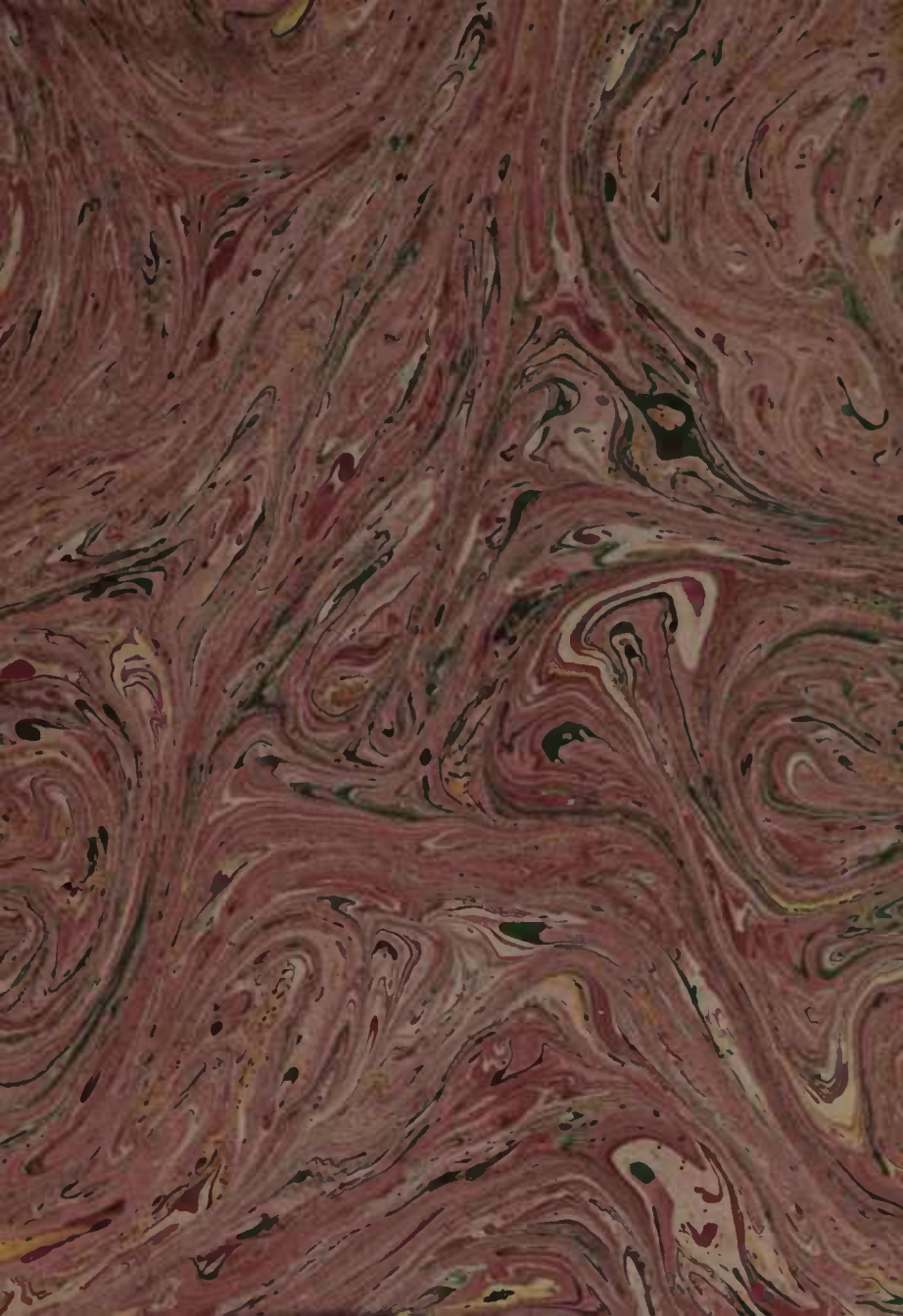
O primeiro podia ser tomado quasi como paráfrase do segundo. Relewa notar, porém, que o entrecho e o espírito de uma composição diferem sensivelmente das da outra. De resto, o autor dêste livro só muito depois de feita a sua poesia veio a lêr as "Musardises", e notadamente a citada "Ballade", para a qual lhe chamou a atenção prezadíssimo amigo, passando-lhe o volume do poeta francês.

Indice

Versos nevoentos	9
Voz interior	10
Um triste	11
Rios	13
Aos meus camaradas	14
A um poeta.	15
Voto	16
Extremo bem .	17
A solidão.	18
Arvore da rua.	23
Deante de um esquiife	25
Sonhos de amor.	27
Contemplação.	32
Jâmais	33
Adeus	34
Lua	35
Tú, só tú...	36
Impassível	37
Surdina	40
Venturas dispersas.	43
Daimon.	45
Canção.	47
Visões da saudade.	49
Jesus e a viuva.	52
O noivo da Morte	55
O trovador e a princeza	58
Filemon e Báucis	61

Apolo e Dafne	64
Pan e Siringe.	67
Perseu e Andrómeda	68
Salomão e a rainha de Sabá .	69
Booz e Ruth	71
Cirano	72
Folhas ao vento. .	73
Abrindo "Espumas"	78
Nuvens.	79
Epistola	80
A um adolescente	83
A Palmeira e o Raio	89
Alegria .	94
Musset .	97
Taça vazia .	98
Cedro expatriado	99
A um moço triste .	103
A Estátua e a Rosa .	104
Tapera .	107
Crepusculo sertanejo .	108
Jesus entre as crianças	109
A um poeta desconhecido	113
Jardim fechado	114
A boa arvore	115
Prece da tarde	116
Rimas pobres .	119
A um velho poeta.	120
A delicia da vida .	121
O Vagalume e o Escaravelho.	122
A um filosofante	125
Contraditório	126
Cigarra.	127
O arroio	128
Estoicismo	131
Vencedor .	132
▲ Vida.	133
O Açude.	134







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).